

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ACÇÃO DO CONTEXTO NOS  
ESTEREÓTIPOS:  
Influência e limites**

Margarida Meira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(SECÇÃO DE COGNIÇÃO SOCIAL APLICADA)

2010/2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ACÇÃO DO CONTEXTO NOS  
ESTEREÓTIPOS:  
Influência e limites**

Margarida Meira

Dissertação orientada pela Prof. Doutora Ana Sofia  
Santos e co-orientada pelo Prof. Doutor Rui Soares Costa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(SECÇÃO DE COGNIÇÃO SOCIAL APLICADA)

2010/2011

## Resumo

A presente investigação pretende evidenciar a maleabilidade dos estereótipos, de acordo com o estudo de Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira e Moreira (submetido), pretendendo particularmente verificar a sensibilidade dos estereótipos a um contexto fortuito. Para este fim foi realizada uma experiência onde foi pedido aos sujeitos que categorizassem um grupo social através de tarefas que mediram a tendência central e a variabilidade percebida. Os resultados demonstraram que a primação de um traço não-estereotípico tem influências na tendência central do estereótipo e que a primação de um traço contra-estereotípico tem influências na variabilidade percebida do estereótipo. São apresentadas teorias potencialmente explicativas destes resultados, tais como o modelo de confusão da fonte da activação (Ayers & Reder, 1998) e o mecanismo das pistas de recuperação compósita (Ratcliff & McKoon, 1988). É sugerido para uma investigação de *follow-up* uma experiência que explora as consequências de atribuir uma fonte de activação na aplicabilidade do traço não-estereotípico primado.

*Palavras-chave:* maleabilidade do estereótipo, sensibilidade ao contexto, limites da influência do contexto

## **Abstract**

Similarly to the study of Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira and Moreira (submitted), this research aims to highlight the malleability of stereotyping, particularly demonstrating the sensitivity of the stereotypes to a fortuitous context. To this end an experiment was conducted where subjects were asked to categorize a social group through tasks that measured the central tendency and the perceived variability of a stereotype. The results showed that priming a non-stereotypical trait influences the central tendency of the stereotype and that priming a counter-stereotypical trait has influences on the perceived variability of the stereotype. Potentially explanatory theories for these results are presented like the source activation confusion model (Ayers & Reder, 1998) and the mechanism of compound retrieval cues (Ratcliff and McKoon, 1988). Finally, it is suggested, as a follow-up investigation, an experiment that explores the consequences of attributing a source of activation on the applicability of a non-stereotypical trait primed before.

*Key words:* stereotype malleability, sensitivity to the context, limits to the influence of context

## **Agradecimentos**

À professora Ana Sofia e ao professor Rui pela orientação que prestaram durante a elaboração desta tese.

Ao grupo de investigação de Cognição Social da Faculdade de Psicologia, pela partilha de conhecimento durante o Mestrado.

Às colegas de turma, pela partilha e amizade que me motivou durante a Licenciatura e Mestrado.

À minha família, por todo o apoio e compreensão.

# Índice

Resumo .....	I
Abstract.....	II
Agradecimentos .....	III
Introdução Teórica.....	1
Introdução .....	1
Estabilidade dos estereótipos .....	3
Factores moderadores dos estereótipos .....	6
Manipulação do contexto.....	8
Paralelo com o estudo de atitudes e de categorias de objectos.....	10
Teorias explicativas da sensibilidade ao contexto .....	11
Sensibilidade a informação não estereotípica.....	13
Modelos globalistas .....	15
Limites da influência do contexto.....	17
Mecanismos explicativos.....	18
Duas medidas de maleabilidade dos estereótipos .....	20
O presente estudo.....	22
Experiência 1 - Método .....	23
Resultados.....	31
Discussão .....	39
Conclusão .....	43
Experiência 2 - Follow-up .....	44
Bibliografia .....	51

## **Introdução Teórica**

### ***Introdução***

O estudo de estereótipos possibilita compreender como se estrutura a informação sobre o mundo social. Esta investigação pretende especificamente explorar os processos subjacentes à maleabilidade destas representações e a sua sensibilidade a um contexto fortuito e irrelevante na activação dos estereótipos.

A influência do contexto nos estereótipos só recentemente tem sido evidenciada (e.g. Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006). Os estudos iniciais dos estereótipos viam-nos como largamente imunes ao contexto devido ao pressuposto básico de possuírem uma função de economia cognitiva, isto é, de simplificação da realidade de forma heurística. Esta função reflectir-se-ia numa estrutura do estereótipo estável e impermeável a influências ao longo do tempo. Inúmeras evidências sobre a automaticidade dos estereótipos e a sua tendência auto-perpetuadora suportaram esta ideia (Dovidio, Hewstone, Glick & Esses, 2010).

Esta noção de automaticidade irrevogável foi posta em causa pela demonstração de que mesmo medidas implícitas dos estereótipos são sensíveis a variações contextuais e a estados temporários (para uma revisão ver Blair, 2002). Neste âmbito, um estudo recente propôs que a estabilidade dos estereótipos seria reflexo da própria estabilidade do contexto (Garcia-Marques, Santos, & Mackie, 2006). Este estudo dá suporte empírico à ideia de que os estereótipos são sensíveis ao contexto. Neste estudo sujeitos avaliaram os estereótipos através da escolha dos traços mais característicos (experiência 1), da recordação de exemplares do grupo (experiência 2) e da avaliação da tipicidade de um membro (experiência 3). Todas estas tarefas foram realizadas pelo mesmo grupo de sujeitos em dois momentos diferentes separados por duas semanas. Os resultados mostraram uma estabilidade moderada do estereótipo, nomeadamente uma co-ocorrência de traços seleccionados intra-sujeito, uma correlação moderada para o valor de tipicidade atribuído e da geração de descrições de exemplares, ambas intra-sujeito. Esta estabilidade moderada foi resultante de um contexto (temporal) diferente. Num quarto estudo, os autores seguiram uma metodologia semelhante mas desta vez foi manipulada a consistência do contexto da tarefa. Os sujeitos avaliaram a tipicidade de

exemplares em dois momentos diferentes, numa condição ambas as sessões apresentavam exemplares típicos ou ambas apresentavam exemplares atípicos – sendo esta a condição de consistência do contexto; numa outra condição os sujeitos avaliaram exemplares de tipicidade diferente em cada sessão, tornando evidente que os estereótipos são sensíveis ao contexto.

Várias teorias, como a teoria modelos de recuperação parcial de exemplares (Medin & Schaffer, 1978) e a teoria das simulações situadas (Barsalou, 1987, cit. in Santos, 2007), têm sido elaboradas para explicar este equilíbrio entre a estabilidade dos estereótipos e as evidências de sensibilidade ao contexto. Mas, tal como será explorado ao longo do presente trabalho de investigação, estas teorias não contemplam o grau de influência que o contexto tem nos estereótipos nomeadamente o facto de não ser necessário que o contexto seja relevante para a categorização para que se verifique uma influência nos estereótipos, ou que a informação disponível no contexto seja necessariamente incongruente para que influencie o estereótipo. A abordagem dos modelos globalistas da cognição social situada (Semin & Smith, 2004, cit. in Santos, 2007) providencia mecanismos potencialmente explicativos para o equilíbrio entre estabilidade e maleabilidade dos estereótipos, particularmente pela explicação da influência e limites do contexto.

O modelo de confusão da fonte de activação (SAC; Schunn, Reder, Nhouyvanisvoug, Richards, & Stroffolino, 1997) é o que melhor se adequa a este caso. Este modelo sugere que as pessoas percebem que traços estão activados em memória, mas que não conseguem aceder facilmente à fonte da sua activação. Embora a parte estável do estereótipo, sobre informação mais central, seja facilmente recuperada pela activação do estereótipo, outro tipo de informação, mesmo que não associada nunca ao estereótipo, pode ser activada por pistas do contexto. O pressuposto deste modelo é que existe um défice introspectivo na atribuição da fonte dessas informações. O resultado é a incorporação de toda a informação activa na mente (cuja fonte possa ser o estereótipo) na formulação do estereótipo.

Este texto explora diferentes abordagens teóricas, com o propósito de oferecer possíveis e diversas explicações para os resultados empíricos que são encontrados nesta investigação.

A investigação de Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira e Moreira (submetido) permite comprovar os efeitos de maleabilidade aqui defendidos. Na



experiência 3 a primação de traços não-estereotípicos para um estereótipo foram incorporados pelos sujeitos na avaliação do estereótipo. Concluí-se definitivamente que o contexto age sobre os estereótipos, mas até que ponto? Este mesmo estudo procurou aclarar os limites dessa influência: a primação de traços contra-estereotípicos não resultou na sua incorporação. Contudo, o bloqueio da incorporação dos traços contra-estereotípicos não é a única evidência da influência do contexto quando este apresenta informação contraditória. Existem duas medidas que serão úteis para apurar o efeito do contexto nos estereótipos. A tendência central é a medida mais frequentemente utilizada e reflecte o conjunto de traços mais característicos de determinado grupo social. Por seu lado, a variabilidade percebida foi sugerida por Garcia-Marques e Mackie (1999) e pretende medir o grau de homogeneidade percebido pelos sujeitos relativamente a um grupo social. No estudo destes autores foi evidenciado que a presença de informação incongruente com uma categoria no contexto origina a escolhas de distribuições da categoria mais variáveis.

Assim, o presente trabalho vai dar seguimento ao estudo da maleabilidade dos estereótipos em função de variações do contexto, procurar explorar como funciona essa influência, isto é, qual o impacto de pistas diagnósticas e irrelevantes para um estereótipo a partir de um contexto fortuito e não relacionado com esta categorização.

### ***Estabilidade dos estereótipos***

A investigação sobre os estereótipos tem encontrado inúmeras vezes factores sensíveis ao contexto (Dovidio, Brigham, Johnson, & Gaertner, 1996; Dovidio & Gaertner, 2000). Contudo, esta sensibilidade tem sido sempre encarada apenas como uma excepção e nunca como real maleabilidade dos estereótipos. Quando essas excepções eram observadas em laboratório deduzia-se que o que acontecia é que uma representação estável e rígida era substituída por outra igualmente estável (Devine, 1989), ou que a mudança se dava a níveis diferentes originando por exemplo subtipos que não põem em causa as crenças originais (Hewstone, 1994; Richards & Hewstone, 2001). A fim de compreender porque a sensibilidade ao contexto é interpretada desta forma (como excepção) é necessário enquadrar o conceito de estereótipo na sua raiz teórica que tem como alicerce a noção de estabilidade.

Começando pelo princípio. Lippmann (1922) definiu o conceito de estereótipo como a imagem típica que surge na mente quando se pensa num determinado grupo social. Assim, o estereótipo é visto como um esquema cognitivo utilizado na percepção social quando se processa informação sobre os outros. Além de reflectir a crença sobre os traços que caracterizam tipicamente os membros de um grupo, o estereótipo também contém informação sobre outras características como os papéis sociais, o grau em que os membros partilham características específicas (ou seja, qual a variabilidade percebida, se mais homogénea ou mais heterogénea), e características que influenciam a forma como quem está a perceber reage perante membros do grupo (Dovidio et al., 2010). Por isso, os estereótipos implicam uma quantidade de informação para além do que se apresenta imediatamente, gerando expectativas sobre o comportamento dos outros (Oakes & Turner, 1990, cit. in Dovidio et al., 2010). Por seu lado, esta capacidade de projectar mais informação para além da que nos é apresentada pode ter (e tem) consequências negativas no comportamento social, como o preconceito e a discriminação. Enquanto *estereótipo* se refere à representação mental, *preconceito* refere-se à atitude que um sujeito tem (atitude subjectiva, positiva ou negativa) relativamente a um grupo e os seus membros. Essa atitude, cria e/ou mantém relações hierárquicas entre indivíduos de diferentes grupos sociais (Dovidio et al., 2010). Saindo de um nível individual, o conceito de discriminação é estudado pela psicologia das relações interpessoais e tem uma conotação negativa. Significa o comportamento que um indivíduo tem que cria, mantém ou reforça distinções entre membros de determinado grupo sobre membros de outro grupo (Dovidio et al., 2010). Assim, a definição de estereótipo é a associação, ou crença, que se tem sobre as características e atributos de um grupo, bem como dos seus membros, que molda a forma como as pessoas pensam e respondem a esse grupo.

Estes conceitos foram sendo construídos através de inúmeras experiências que demonstraram as características dos estereótipos (Devine, 1989). Como referido no início desta secção, a estabilidade foi das características mais preponderantes na conceptualização dos estereótipos. Assim, durante anos, a influência do contexto nos estereótipos foi sendo ignorada. Esta interpretação resultou provavelmente do paradigma por trás do estudo de estereótipos - a teoria abstraccionista. Segundo esta visão, a função de economia cognitiva é a razão para a existência dos estereótipos (Fiske & Taylor, 1984). Aliada a este papel de economia cognitiva está a noção de

automaticidade. Uma das características dos estereótipos é serem considerados hábitos de pensamento - actuam sem controlo ou consciência do sujeito, apresentando assim efeitos congruentes aos efeitos resultantes de processos considerados automáticos. Uma vez que os estereótipos são considerados automáticos a teoria abstraccionista tomou-os como representações que por estarem fora do controlo dos sujeitos seriam estáveis e insensíveis ao contexto, embora não tenham sido tomadas medidas empíricas que o comprovem (Santos, 2007).

A categorização de representações abstractas, conceito chave da teoria abstraccionista, está na base dos estereótipos (Tajfel, 1982). Os estereótipos, enquanto categorias de grupos sociais, permitem uma simplificação exagerada dos grupos sociais que quando activada possibilita ir para além da informação dada. Assim sendo, uma vez constituído o estereótipo seria descartada a informação sobre o contexto específico em que a informação foi recolhida (Trope, 1986, cit in Santos, 2007). Adicionalmente, durante o processamento de informação social a recuperação na memória iria apenas buscar as abstracções (Hastie & Park, 1986, cit in Santos, 2007).

Esta eficiência cognitiva que as representações abstractas permitem foi considerada como sendo consequência da sua automaticidade. As primeiras demonstrações de automaticidade dos estereótipos foram de Gaertner e McLaughlin (1983, cit. in Santos, 2007). Nesse estudo, verificou-se que os sujeitos identificaram mais rapidamente pares de palavras quando eram consistentes com determinado estereótipo. Devine (1989) investigou mais tarde grandemente esta automaticidade e aliada à automaticidade falou da inescapabilidade: “Um componente crucial dos processos automáticos é a sua inescapabilidade, eles ocorrem apesar de tentativas de os ultrapassar ou ignorar (Devine, 1989, p.6). Allport (1954) também já tinha desenvolvido esta ideia de activação espontânea dos estereótipos: “A mente humana precisa de pensar com a ajuda de categorias (...) é-nos impossível evitar este processo.”

Inerente à sua condição, o uso de estereótipos seria então inevitável, trazendo consequências para uma tendência auto-perpetuadora. Pois uma vez que os estereótipos são activados automaticamente, é menos provável que sofram qualquer revisão ou ajustamento (Bargh, 1994): “Um fenómeno mental automático ocorre de modo reflexo seja qual for o seu contexto de activação.”. A assumpção de que os estereótipos são incontrolláveis e inflexíveis fez concluir que eles corresponderiam a representações implícitas. Estas seriam enraizadas, e por isso resistentes a pressões exteriores e estáveis

para medidas de tempo e contexto (Bargh, 1999). Adicionalmente estas representações enraizadas seriam representações abstractas segundo as teorias clássicas abstraccionistas e por isso de carácter estável e bem delineado. A estabilidade seria então um reflexo da eficiência cognitiva dos estereótipos (Crocker, Fiske & Taylor, 1984, cit. in, Santos 2007).

Com base neste contexto teórico pode-se compreender como as evidências de sensibilidade ao contexto foram consideradas como acidentais, resultantes do conflito entre representações estáveis (Devine, 1989), ou como subcategorizações que igualmente não punham em causa a estabilidade do estereótipo geral (Hewstone, 1994), de forma que o carácter inerentemente estável dos estereótipos não foi posto em causa.

### ***Factores moderadores dos estereótipos***

Para que um processo seja puramente automático é necessário que aconteça sem a consciência do sujeito, de forma incontrolável e que actue sem intenção ou esforço do sujeito. No entanto, é interessante notar, que a maioria dos processos cognitivos estudados em psicologia falha na satisfação de todos estes critérios e tal seria de esperar também relativamente aos estereótipos. Existem condicionantes que podem facilitar ou dificultar a automaticidade e controlo dos estereótipos. A literatura recolhida e resumida no artigo de Blair (2002) demonstra um cenário diferente da visão estática dos estereótipos referida em cima. Neste artigo é possível enumerar uma quantidade de factores que conseguem moderar a activação automática dos estereótipos. Alguns desses factores são o foco de atenção de quem está a perceber, a motivação social e pessoal dos sujeitos, o tipo de estratégias de processamento utilizadas e, finalmente e de importância relevante para o presente texto, o contexto de activação dos estereótipos.

Perante um ambiente social complexo nem sempre é óbvio que categoria/estereótipo se vai activar: um sujeito pode ser enquadrado como “médico”, “homem”, “negro”, etc., e essas categorias podem ser contraditórias. A selecção de qual estereótipo activar pode ser influenciada por pistas do meio. Macrae, Bodenhausen e Milne (1995) demonstraram que uma simples mudança do meio pode influenciar a categorização automática. Quando percebemos uma mulher chinesa podemos activar as categorias de género ou de etnia. Na experiência de Macrae e colaboradores (1995) foi revelado que o facto de a mulher chinesa se estar a maquilhar ou estar a

comer com “pauzinhos” fez com que os observadores respondessem mais rapidamente a traços estereotípicos de Mulher e de Chinês, respectivamente. Outros exemplos de como a manipulação da acessibilidade pode causar instabilidade nos estereótipos podem ser vistos na manipulação de acessibilidade a exemplares específicos, que faz com que os sujeitos realizem uma avaliação diferente de um grupo ou categoria (Bodenhausen, Schwarz, Bless, & Wanke, 1995, cit in Santos 2007) ou que descrevam os subtipos da categoria de forma diferente (Coats & Smith, 1999, cit in Santos, 2007).

Outros exemplos da influência do contexto são os estudos de Wittenbrink, Judd e Park (2001). Na primeira experiência os participantes visualizaram ora um videoclip de afro-americanos num barbecue ao ar livre, ora um *videoclip* com os mesmos indivíduos mas num cenário de *gangs*. Como esperado, segundo medidas de IAT (Implicit Association Test - metodologia amplamente utilizada na medição de atitudes, de Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998) os primeiros sujeitos avaliaram os afro-americanos mais positivamente do que os últimos. Numa experiência seguinte um pouco mais complexa, os autores utilizaram procedimentos de primação sequencial, em que primeiro os participantes foram expostos a faces (negras ou brancas) para que posteriormente as identificassem num teste de reconhecimento (onde apareciam faces, novas ou já vistas). De seguida os participantes avaliavam uma série de adjectivos alvo como sendo “bom” ou “mau”. Imediatamente antes e durante a apresentação de faces aparecia uma fotografia (ora de uma rua ora de uma igreja). Os resultados demonstraram que a avaliação dos traços estereotípicos se alterou consoante o contexto das faces. Quando apresentadas à frente da fotografia de uma igreja os traços tiveram avaliações mais positivas.

Estas investigações permitem concluir que embora expostos a pistas estereotípicas no meio, é necessário que a atenção se foque nelas para que categorias estereotípicas se activem automaticamente. Esta ideia vai ao encontro de estudos de consistência entre atitudes e comportamento que já demonstraram empiricamente como a competição entre atitudes pode originar comportamentos contraditórios em função da sua activação circunstancial.

Adicionalmente, Castelli, Macrae, Zogmaister e Arcuri (2004) verificaram que a activação de estereótipos é sensível ao contexto mesmo em fases iniciais do processamento de informação social. Neste estudo foi demonstrado que manipular o contexto de apresentação de estímulos-primos pode causar diferentes efeitos na activação

dos estereótipos. A causa para diferentes forças de activação não é tanto a diferença de velocidade de apresentação em si, mas o contexto de apresentação: se única – apenas “longa duração” ou apenas “curta duração”, ou mista. Quando o contexto é complexo (condição mista) o tipo de primação tem efeitos diferentes na força de activação entre itens dessa condição, enquanto que quando a apresentação é constante (só de um tipo de primação, seja de longa ou curta duração) a força de activação é semelhante entre os itens de cada condição.

Estas evidências de sensibilidade ao contexto possibilitam a reflexão sobre se os estereótipos serão assim tão estáveis.

### ***Manipulação do contexto***

Mas então como interpretar estudos anteriores que evidenciaram experimentalmente a estabilidade temporal dos estereótipos? Refiro-me aos estudos que investigaram especificamente a estabilidade dos estereótipos com metodologia longitudinais como a triologia de Princeton (Devine & Elliot, 1995) e que chegaram a resultados de estabilidade, sem que a visão estática dos estereótipos fosse posta em causa. Os estereótipos continuaram a ser vistos como exibindo inércia temporal e resistência a influências de contexto (Hamilton & Trolier, 1986). No entanto, estes estudos utilizaram medidas de contexto constantes para as diferentes medições, isto é, medidas que avaliavam a estabilidade das médias entre indivíduos ou contextos, de modo a “reterem apenas fontes que são constantes ao longo dos conceitos observados, em vez de avaliarem as representações individuais em contextos específicos.” (Santos, 2007).

O estudo de Garcia-Marques, Santos e Mackie (2006) sugere uma metodologia diferente. Aqui o contexto de activação dos estereótipos foi uma medida dependente. O objectivo do estudo foi verificar se a estabilidade dos estereótipos não seria reflexo da mera estabilidade do contexto de activação dos estereótipos.

A maioria das investigações que estuda a estabilidade dos estereótipos baseia-se na análise de avaliações entre indivíduos diferentes, em tempos pontuais e chega a resultados que demonstram uma incrível concordância entre os sujeitos (e.g., Correll, Park, Judd & Wittenbrink, 2002). Por outro lado, a triologia de Princeton, embora

tivesse uma medida longitudinal, analisou mais uma vez os estereótipos a nível inter-individual.

O importante do estudo de Garcia-Marques e colaboradores (2006) foi verificar se essa concordância também se verifica numa avaliação intra-sujeito, ou seja, verificar qual a probabilidade de, em sessões diferentes, um mesmo sujeito avaliar da mesma forma determinado grupo social. Nessas diferentes sessões foi então medido o nível de co-ocorrência de traços seleccionados para caracterizar um estereótipo por um mesmo sujeito e em contextos diferentes.

Na primeira experiência de Garcia-Marques e colaboradores (2006) os participantes escolheram de uma lista de traços, cinco que achavam mais característicos de 3 categorias sociais apresentadas. Esta tarefa foi repetida pelos mesmos participantes duas semanas depois. Os resultados de estabilidade foram encontrados numa análise inter-item, mas analisando as escolhas de cada participante, verificou-se que o nível de estabilidade é menor e mais moderado, isto é, a probabilidade de um mesmo sujeito escolher exactamente os mesmos traços em tempos (contextos) diferentes foi muito menor. Nos dois estudos seguintes esta maleabilidade foi replicada quer na avaliação da tipicidade de exemplares de uma categoria, quer na geração de protótipos por parte dos sujeitos. Quando realizavam de novo as tarefas duas semanas depois, um mesmo exemplar poderia parecer menos ou mais típico do seu grupo social, e quando era instruído que os próprios participantes descrevessem um protótipo do grupo, as descrições não correspondiam ao mesmo exemplar. Apenas por se encontrarem num momento temporalmente diferente os participantes podem aceder a traços e concepções diferentes.

Estas três primeiras experiências elucidam para a natureza individual dos estereótipos. Embora colectivamente os itens descritivos dos estereótipos fossem os mesmos, cada sujeito utilizou itens diferentes entre as duas condições. Esta maleabilidade observada levou os autores a realizar um último experimento, onde a estabilidade do contexto foi directamente manipulada, para que a variação não fosse apenas na altura temporal da medição.

No último experimento mais uma vez os participantes participaram em duas condições separadas por duas semanas. Foi-lhes pedido em ambas as sessões que escolhessem cinco traços mais característicos de um grupo social. Mas antes de realizarem esta tarefa os participantes leram uma descrição de um membro do grupo e

avaliaram a sua tipicidade. A variação ocorreu nestas descrições, as descrições podiam ser ou de um membro muito típico do grupo social, ou de um extremamente atípico. Na segunda sessão, os sujeitos foram divididos entre a condição equivalente, em que avaliavam um membro com igual tipicidade que na primeira sessão, e a condição não-equivalente em que avaliavam um membro com a tipicidade do outro extremo. Esta variação permitiu manipular directamente a estabilidade do contexto de activação dos estereótipos.

Os resultados demonstraram que os sujeitos na condição não-equivalente tiveram uma maior variação na escolha de traços típicos da categoria do que os da condição equivalente. À semelhança do estudo de Wittenbrink e colaboradores (2001) o facto de se ter um contexto de activação do estereótipo diferente (igreja/rua e exemplar típico/atípico) faz com que diferentes traços tenham mais relevância na caracterização do estereótipo. Esta influência do contexto não se verifica em medidas inter-participantes, mas sim em medidas intra-participantes. De referir que foram tomadas medidas que asseguraram que a estabilidade foi resultante do contexto/momento e não de orientações da metodologia ou de monitorização dos sujeitos através da comparação de respostas espontâneas e monitorizadas e da análise da consciência da estabilidade dos estereótipos por parte dos sujeitos.

### ***Paralelo com o estudo de atitudes e de categorias de objectos***

Estas evidências de maleabilidade de categorias sociais não são únicas. O estudo de atitudes encontrou resultados semelhantes. Por exemplo, Sia, Lord, Blessum, Ratcliff e Lepper (1997, cit in Santos, 2007) testaram se mudanças na acessibilidade de exemplares de categorias sociais, influenciavam a estabilidade das atitudes em relação a essas categorias. A estabilidade foi medida através de um paradigma semelhante ao do experimento 3 de Garcia-Marques e colaboradores (2006), isto é, pela geração espontânea de exemplares, em sessões diferentes. Verificou-se que a estabilidade das atitudes entre sessões era maior quando os sujeitos pensavam no mesmo exemplar em ambas as sessões do que quando pensavam em diferentes exemplares. Mais tarde foi demonstrado também que há uma activação de diferentes exemplares de uma categoria consoante a sua relevância para processos cognitivos específicos (Sia, Lord, Blessum, Thomas, & Lepper, 1999, cit in Santos, 2007). A activação contemplou mais



exemplares após um julgamento de atitudes em relação à categoria social do que depois da definição da categoria.

Do mesmo grupo de investigação ainda (Lord, Paulson, Sia, Lepper & Thomas, 2004, cit in Santos, 2007) foi demonstrado que a manipulação da estabilidade de activação de exemplares de uma categoria social influencia o grau de vulnerabilidade das suas atitudes face a mensagens persuasivas contrárias à atitude. Esta vulnerabilidade foi maior quando foi induzido aos sujeitos que activassem em exemplares diferentes nas duas sessões, do que quando a activação era dos mesmos exemplares.

Paralelamente, os efeitos do contexto verificaram-se nos estudos de categorização de objectos nomeadamente na primação e geração de propriedades e exemplares de conceitos (para uma revisão, ver Santos, 2007). Esses estudos ilustram como uma mesma categoria pode ser representada de forma diferente dependendo da situação de julgamento. Consoante a situação, há propriedades e/ou exemplares que se tornam mais salientes e outras mais irrelevantes, demonstrando a influência que o contexto tem nestes processos quando a metodologia utilizada é longitudinal (e.g., Barsalou, 1993; Bellezza, 1984a). Além do contexto contribuir para a alteração de representações existentes, também contribui para a construção de categorias formadas no momento (*ad hoc*), evidenciando que o acto de categorizar não requer um conceito já representado (Barsalou, 1983, cit in Santos, 2007). Surgiram várias teorias explicativas para as evidências da influência do contexto na categorização. Pode fazer-se um paralelo entre as teorias da psicologia cognitiva e a cognição social uma vez que ambas partilham a mesma visão fundamental de processamento, isto é, ambas se baseiam na ideia de que o indivíduo está continuamente a processar informação e a forma como isso acontece (percepção, armazenamento e utilização de informação) está na base do comportamento humano (Garcia-Marques, 1993). Daí que (embora com características diferentes, ver Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006) o processamento de informação de objectos e de informação social deva incluir processos base iguais.

### ***Teorias explicativas da sensibilidade ao contexto***

Existem três abordagens que explicam a instabilidade das categorias e a sua sensibilidade ao contexto. Para conseguir uma explicação aceitável é necessário contemplar três dimensões estruturais: a sensibilidade ao contexto evidenciada

recentemente, a estabilidade das representações típica da categorização abstracta e uma base organizativa de equilíbrio conceptual destas duas características.

Os modelos de recuperação parcial de exemplares (Medin & Schaffer, 1978) poderiam explicar sensibilidade ao contexto pois defendem um armazenamento do conhecimento dos membros da categoria específico da situação em vez de uma abstracção representativa dos diferentes membros. Informação assim específica pode ser contraditória, no entanto é defendido que a própria regra de semelhança entre os membros depende do contexto. Isto é, a atenção para determinados estímulos do contexto influencia a forma como os membros se assemelham em memória (Medin & Schaffer, 1978). Fala-se aqui de modelos de exemplares dinâmicos (Nosofsky & Palmeri, 1997, cit in Santos, 2007), ou seja, não existe uma totalidade representativa dos exemplares onde se pode ir recuperar informação. Pelo contrário, a representação da categoria varia e o significado das características é extraído apenas dos exemplares activados.

A teoria das simulações situadas (Yeh & Barsalou, 2006) defende que a acessibilidade é a base determinante a partir da qual a informação é recuperada. A frequência, a recência e o contexto são, segundo o autor, os factores determinantes dessa acessibilidade. O contexto afecta a acessibilidade na medida em que é recuperada informação mais adequada ao contexto presente. Mas tal como Barsalou (1993) fez notar, estes três factores podem também produzir elevados níveis de estabilidade, quando o seu efeito é levar as pessoas a convergir para propriedades comuns. Esta teoria torna desnecessária a integração conceptual numa única representação coerente e considera um aglomerado de informação na memória a longo prazo cuja acessibilidade vai ter um papel central na activação/compilação, situada, da categoria. De acordo com Yeh e Barsalou (2006), como as categorias sociais são aprendidas em meios específicos, é natural que diferentes meios activem diferentes estereótipos. Relativamente à informação não-estereotípica, esta é também armazenada (Jacoby & Hollingshead, 1990) mas segundo Barsalou (2003b, cit. in Santos, 2007) cancela-se a si própria por interferência ficando informação relevante que é aquela que vai sendo repetida.

Os modelos e a teoria evidenciados em cima são concordantes com a abordagem deste trabalho - a cognição social situada, na medida em que o conhecimento conceptual se adapta ao contexto através de compilações e que esta compilação é um processo situado e não apenas uma recuperação e aplicação de conhecimento pré-armazenado.

Porém, discordam num ponto essencial para esta tese. Os modelos de recuperação parcial de exemplares defendem que a informação recuperada é aquela com a qual o contexto coincide. Assim, a informação representativa da categoria que foi armazenada é a informação que vai ser activada parcialmente, e não outra informação, por exemplo informação não-estereotípica para a categoria que se encontre no próprio contexto. Da mesma forma, na teoria de simulações situadas a influência do contexto é limitada, pois a relação entre este e o conhecimento armazenado tem de ser significativa, não fortuita e adjacente. Assim, esta última teoria é mais adequada para explicar as subcategorias do que a maleabilidade de uma só categoria.

### ***Sensibilidade a informação não-estereotípica***

As teorias anteriores explicam que a informação activada pelo contexto é informação relevante para o estereótipo. Um estudo recente (Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira & Moreira, submetido) elaborou uma questão fora do expectável: O que acontece se a informação activada pelo contexto é informação não-estereotípica, isto é, não diagnóstica para o estereótipo?

É de esperar que informação relevante tenha impacto quando se recupera informação sobre uma categoria. Mas este estudo demonstrou que mesmo informação não-estereotípica influencia o estereótipo. Esta informação pode até ser incorporada no estereótipo. Aqui, a maleabilidade do estereótipo foi medida pela sensibilidade a outros conceitos activos ao mesmo tempo que o estereótipo é compilado. Na primeira experiência os participantes fizeram duas tarefas explicitamente não relacionadas. Uma tarefa linguística, em que foi pedido aos sujeitos para darem uma descrição tipo dicionário de alguns traços, incluindo os traços “inteligente” e “simpático”. A segunda tarefa consistiu numa avaliação estereotípica (utilizada por Katz & Braly, 1933) para um de dois grupos sociais “programador de computador” e “educador de infância”. O traço “simpático” é estereotípico de “educador de infância” mas é não-estereotípico para o estereótipo de “programador de computador”, pelo contrário o traço “inteligente” é estereotípico de “programador de computador” mas é não-estereotípico para o estereótipo de “educadores de infância”. Assim, dependendo do grupo alvo, os traços primados eram estereotípicos ou não-estereotípicos. Esta tarefa tem sido utilizada neste tipo de estudos, quer para demonstrar estabilidade (Katz & Braly, 1933), quer como função de manipulação da estabilidade do contexto (Garcia-Marques et al., 2006).

Na fase de avaliação do grupo social, os sujeitos escolheram de uma lista de 45 traços, os 5 mais descritivos do grupo alvo (procedimento de Katz & Braly, 1933) e depois avaliaram numa escala de 9 pontos ancorada no traço e no seu antónimo. Os traços ou eram estereotípicos não primados ou não-estereotípicos não primados (por exemplo: Honesto vs Desonesto, Vulgar vs Sofisticado). Finalmente os sujeitos responderam a perguntas de *debriefing* para que fosse possível confirmar que qualquer influência entre as duas tarefas não era consciente.

Os resultados corroboraram as hipóteses dos autores. A primação de traços estereotípicos não alterou a inclusão deste traço na tarefa de Katz e Braly, nem a percepção de quão descritivo é o traço do grupo social. Mas a primação do traço não-estereotípico teve efeitos na avaliação do estereótipo em ambas as tarefas. A selecção do traço não-estereotípico foi de 42% quando este traço fora primado, comparativamente com quando tinha sido o traço estereotípico a ser primado (aqui, apenas 12% dos sujeitos seleccionou o traço não-estereotípico como estereotípico do grupo alvo). Da mesma forma a média de quão descritivo do grupo é o traço não-estereotípico aumentou para 6.42 quando este fora o traço primado, do que quando o traço primado foi o estereotípico ( $M=5.60$ ).

Apenas 3% dos sujeitos referiram uma possibilidade de conexão entre as duas tarefas e nenhuma explicação para tal foi acertada. Além disso o terceiro estudo replicou estes resultados mesmo perante uma primação subliminar. Independentemente da forma de primação, a activação de traços não-estereotípicos aumentaram a sua inclusão na expressão do estereótipo.

Estes resultados sugerem que não temos consciência de como a informação que temos em mente é activada ou de como foi despoletada, uma vez que informação não-estereotípica é incorporada no estereótipo facilmente. De notar ainda que esta incorporação correspondeu à representação abstracta da categoria social e não apenas de um exemplar. Não se trata por isso (aliado ao facto de ter sido um processo involuntário) de uma subcategorização ou de uma individualização, processos estes compatíveis com a perspectiva clássica.

Desta forma, estes resultados reflectem uma sensibilidade ao contexto até para informação não-estereotípica – as teorias explicadas em cima não contemplam uma acção tão grande do contexto, na medida em que só descrevem a influência do contexto quando este apresenta ao sujeito informação relevante para a avaliação do estereótipo.

Os modelos globalistas sugerem teorias sobre o processo subjacente a esta influência do contexto.

### ***Modelos globalistas***

Analisando dentro da classe geral de modelos globalistas os modelos de redes conexionistas em particular vieram revolucionar a noção de representação mental. Em vez de se pensar em representações estáticas sobre as quais operam processos cognitivos, a estrutura das representações passa a ser em si própria um processo dinâmico. Segundo estes modelos a representação de um grupo social corresponde a um padrão de activação de um conjunto de nós indiferenciados de uma rede (Carlston & Smith, 1996, cit. in Santos, 2007). Nesta rede os nós estão conectados através de forças de diferentes graus. Esta força/peso das conexões reflecte a associação em memória entre diferentes conceitos. A noção de rede complexa com pesos de activação diversa dissolve a ideia de separação clara e rígida entre conceitos uma vez que são os pesos entre os conceitos que regem a associação entre si e por isso que regem quão característico é cada atributo de um conceito.

Adicionalmente, existe uma sobreposição das representações conexionistas, isto possibilita que os padrões representativos possam mudar e ser influenciados por outros padrões codificados na rede. Esta estrutura vai de encontro com a noção acessibilidade, pois incorporam explicações para a frequência e recência. O peso da conexão que liga um atributo a um conceito aumenta à medida que a sua frequência de co-ocorrência aumenta e quando um atributo e um conceito co-ocorrem recentemente a força entre eles aumenta.

As redes conexionistas não prevêm armazenamento por si, mas sim uma capacidade de completamento de padrões. Isto pode ser encarado como forma de memória, uma vez as redes podem reproduzir posteriormente os padrões aprendidos, em resposta a um indício incompleto ou aproximado do padrão, inferindo atributos que não estão presentes.

É possível prever como estes modelos se enquadram na explicação para a sensibilidade ao contexto, estabilidade e estrutura cognitiva de equilíbrio entre os dois. É a possibilidade de mudança de pesos das conexões que permite flexibilidade às representações abstractas (Shanks, 1991, cit. in Santos, 2007). Adicionalmente, cada

atractor (abstracção formada pela combinação de propriedades estatisticamente prováveis) pode ter um número infinito de estados de activação à sua volta e cada estado fornece uma representação possível da categoria. Esta noção de estado de activação vem substituir a ideia de representação estável. A diferença é que permite uma maleabilidade da representação activada no momento, mas não deixa de considerar que a informação retida em memória seja estável. Continua a existir uma estabilidade verificada a longo prazo, pois embora os padrões de activação possam mudar rapidamente consoante o contexto, o peso de cada nódulo altera-se lentamente, impedindo erros na rede.

Estes modelos conexionistas estão englobados em estudos recentes de memória que defendem a existência de um mecanismo de ajustamento global/ de recuperação compósita. Segundo estes modelos a busca de informação em memória não decorre de processos sequenciais que recorram a esforços e controlo cognitivo, mas que resulta de uma compilação de traços de memória com determinado grau de familiaridade com as pistas de activação.

Se a nossa cognição funciona assim é possível que para recordar uma informação sobre um atractor recordemos informação momentaneamente activa sem sentir que esta seja percebida como estranha ou exterior ao atractor inicial. Isto é, sentimos ambas as informações com um elevado grau de familiaridade o que pode levar a uma percepção da conjunção das duas informações. Assim, os dados encontrados por Santos e colaboradores (submetido) reflectem como a informação do contexto é incluída no estereótipo mesmo que se trate de informação não estereotípica. É provável que na realização destas tarefas os sujeitos tenham respondido com base na facilidade da associação das informações. Esta facilidade advém da activação dos traços e sua consequente familiaridade. Já foi evidenciado que as pessoas respondem com base na activação por exemplo em testes de reconhecimento (Hintzman, 1986). Esta activação será então um processo que não requer um gasto significativo de recursos cognitivos.

O impacto destes modelos na maleabilidade dos estereótipos é grande. A existência de uma rede de abstracções permite que as representações sejam ajustadas e competem por si informação adequada. Isto permite que não seja necessário computar as representações de um modo completo previamente e torna tão fácil a reprodução de julgamentos já efectuados antes como fazer um novo julgamento. Este modelo permite que todos os episódios relacionados com um conceito sejam simultaneamente activados

ao contrário do defendido por Barsalou (2003b, cit. in Santos, 2007) que via esta quantidade de informação sobre um conceito como um limite da sensibilidade ao contexto. Pelo contrário, todos os episódios podem estar simultaneamente activados pois o significado que se dá a determinada representação depende da forma como foi feita a compilação das diferentes activaões. Esta ideia explica os resultados de Shoben (1983, cit. in Santos, 2007) onde os sujeitos reordenaram as suas avaliações de tipicidade de membros de categorias conforme manipulação do contexto semântico.

De maior importância pode ainda fazer-se um paralelo entre a maleabilidade do estereótipo e os mecanismos dos modelos globalistas que têm sido usados para explicar as ilusões de memória. No entanto, antes de explorar estes mecanismos à que referir ainda outro resultado do estudo de Santos e colaboradores (submetido). No seu estudo, além da primação de traços não-estereotípicos, houve também uma condição em que foram primados traços contra-estereotípicos. Os resultados serão discutidos na próxima secção e depois sim, serão desenvolvidos os mecanismos que podem explicar a influência do contexto.

### ***Limites da influência do contexto***

O segundo estudo de Santos e colaboradores (submetido) foi semelhante ao paradigma que utilizado no presente estudo. Os sujeitos foram primados com um de dois traços (simpatia ou inteligência). As categorias sociais alteraram-se para que cada traço pudesse corresponder ou a um traço não-estereotípico da categoria ou um traço contra-estereotípico: para a categoria “trabalhador das obras” o traço “simpatia” é não-estereotípico e o traço “inteligência” é contra-estereotípico”; para a categoria *skinheads* o traço “simpatia” é contra-estereotípico e o traço “inteligência” é não-estereotípico (Garcia-Marques & Mackie, 1999).

As hipóteses eram as mesmas do primeiro estudo para o traço não-estereotípico – que fosse incorporado no estereótipo; mas pelo contrário esperou-se que o traço contra-estereotípico não o fosse. As hipóteses foram corroboradas. Os traços contra-estereotípicos não foram incorporados na escolha de traços descritivos da categoria nem fizeram alterações nas escalas de tipicidade. Portanto há uma diferença clara da influência do contexto quando se trata de traços não-estereotípicos ou traços contra-estereotípicos. A hipótese explicativa é que a activação do traço contra-estereotípico

torne saliente o facto de ser informação incongruente com a informação que é activada quando o sujeito pensa na categoria social e que isso despolete um mecanismo de bloqueio da incorporação da informação activada. Assim, a mera contradição interna possa despoletar uma avaliação da veracidade da crença estereotípica.

Os autores quiseram ir ao limite do estudo e realizaram um terceiro experimento onde utilizaram a mesma medida de avaliação do estereótipo (quer do estudo 1 quer do estudo 2) mas em que o processo de primação foi subliminar. O facto da primação do traço contra-estereotípico ser subliminar poderia aumentar a confusão da fonte de activação do traço e assim activar uma maior inclusão do traço no estereótipo avaliado. Os resultados demonstraram os mesmos efeitos da activação de traços estereotípicos, não-estereotípicos e contra-estereotípicos encontrados na primação não subliminar. Há portanto um limite à influência do contexto. Nem toda a informação activa pelo contexto pode ser incorporada de igual forma no julgamento momentâneo do sujeito.

### ***Mecanismos explicativos***

No seguimento da exposição anterior sobre modelos teóricos serão discutidos de seguida dois mecanismos possivelmente explicativos dos efeitos do contexto demonstrados do estudo de Santos e colaboradores (submetido). Estes mecanismos explicam as ilusões de memória e podem enquadrar a maleabilidade observada na compilação de conhecimento como resultado de crenças ilusórias.

#### ***Pistas de Recuperação Compósita***

O mecanismo de pistas de recuperação compósita permite justificar como se associa a informação do contexto, mesmo que se trate de um traço não-estereotípico, com o estereótipo. De acordo com o mecanismo das pistas de recuperação compósita (Doshier e Rosedale, 1989; Ratcliff e McKoon, 1988), pistas auto-compiladas activadas da memória e pistas disponíveis no contexto são integradas e ajustadas em relação às memórias armazenadas no processo de produzir um julgamento ou resposta. Esta concepção não interfere com a estabilidade das representações de categorias, mas aquando a compilação fornecem uma maleabilidade inerentemente dependente das características momentaneamente disponíveis do contexto (Garcia-Marques et al., 2006). Aqui, não se defende qualquer modificação na memória a longo-prazo. A



facilitação que o estímulo-primo tem na resposta do alvo depende do tempo de activação momentânea dessa compilação na memória de trabalho (Ratcliff e McKonn, 1988). Isto reflecte-se na maleabilidade dos estereótipos da seguinte forma: a informação compilada advinda do contexto, ao ser composta na memória de trabalho com informação recuperada do estereótipo memorizado, favorece uma ligação entre as duas informações, tornando mais provável a sua associação.

A diferença entre este mecanismo e a teoria das simulações situadas (Yeh e Barsalou, 1996) e os mecanismos de recuperação parcial explicados anteriormente é que as pistas do contexto podem enviesar a compilação do conhecimento de um alvo mesmo que não coincidam com informação recuperada das representações em memória (Santos, 2007). Em todo o caso o que resulta é uma compilação que apresenta um determinado nível de familiaridade que origina uma crença ilusória.

#### *Confusão da fonte de activação (SAC)*

A SAC proporciona uma perspectiva sobre o porquê da facilidade de integração de um traço não-estereotípico advindo do contexto ao estereótipo. Esta teoria defende que o crucial para se dar essa integração é o facto de as pessoas serem incapazes de identificar a fonte de activação, nomeadamente que a fonte de activação do traço não-estereotípico foi o contexto. Este défice introspectivo é acompanhado de uma atribuição errada da familiaridade do traço a uma crença ilusória de que o traço é realmente pertencente do estereótipo.

Esta teoria está integrada na ideia do processo de dispersão de activação, alternativo ao mecanismo de pistas de recuperação compósitas. No processo de dispersão de activação, o estímulo-primo apresentado activa temporariamente (a activação decresce ao longo do tempo) conceitos com ligações associativas na rede (Collins e Loftus, 1975). O estímulo-primo difunde a sua influência através dessa rede e os conceitos mudam o seu estado de activação na memória a longo prazo. Após esta activação existe simultaneamente um conjunto de conceitos com diferentes graus de activação consoante a sua posição na rede. Quando o sujeito está perante um alvo activado pela dispersão, haverá uma resposta mais rápida para esse alvo.

Tal como referido em cima, o cerne da SAC concentra-se na falha de identificação da fonte de activação. Não havendo consciência da fonte de activação resta apenas o associação entre informações diferentes, advinda da activação do alvo. A probabilidade

de detecção do desajustamento entre estímulo-primo e o conceito em memória depende do número e da força das ligações entre o estímulo e o conceito. Quanto maior o número e/ou a força de ligação mais provável é que o desajuste passe despercebido pela consciência do sujeito (Park e Reder, 2004) e que seja considerado como parte integrante da crença do sujeito. O número e a força de ligação entre um traço contra-estereotípico e o estereótipo, mesmo que o primeiro tenha sido primado imediatamente antes, nunca será elevado o suficiente para fugir à monitorização. A justificação que Santos e colaboradores (submetido) deram para a não inclusão do traço contra-estereotípico no estereótipo foi exactamente o facto de que este traço despoleta uma contradição interna que torna pouco credível uma crença daí resultante. Assim, a contradição interna impede que o traço contra-estereotípico seja incluído, mesmo que não se saiba a fonte da sua activação.

Este mecanismo pode explicar efeitos estudados pela psicologia ao longo do tempo, como por exemplo, a Ilusão de Moisés (Park e Reder, 2004), que se trata da falha de detecção da desadequação de uma palavra, semanticamente semelhante à palavra adequada (por exemplo: “Quantos animais da mesma espécie tem a arca de Moisés”); o efeito da Informação Falsa (Ayers e Reder, 1998), entre outros.

Sintetizando a ideia base da SAC, os atributos que estão activados no momento em que se julga determinada categoria, podem ser erradamente usados pois são atribuídos ao processo de compilação do estereótipo do indivíduo que pode ser preenchido por informação auto-gerada durante o processo (Santos, 2007).

### ***Duas medidas de maleabilidade dos estereótipos***

No estudo que tem vindo a ser debatido neste trabalho, o de Santos e col. (submetido), os traços contra-estereotípicos não foram incorporados no estereótipo. As medidas utilizadas são medidas de tendência central, isto é, demonstram quais os traços mais típicos de uma categoria.

Mas será que os traços contra-estereotípicos não têm efeito algum na concepção do estereótipo? Quando encontramos um membro de uma categoria que apresenta traços que contradizem a categoria, como é que vamos integrar essa nova informação? A tendência auto-prepetuadora dos estereótipos pode levar a pensar que essa nova informação não tem efeito, uma vez que é sabido que os sujeitos reinterpretam a

informação incongruente de forma a minimizar a discrepância percebida (Asch, 1946). Essa reinterpretação pode passar por uma atribuição circunstancial ou resultar numa subcategoria que não ponha em causa a estabilidade da categoria geral. Contudo, tal como defende Garcia-Marques e Mackie (1999), estas estratégias são mais prováveis quando a informação é ambígua. No estudo destes autores foram criadas condições inconvenientes para o uso destas estratégias. A hipótese defendida é que este tipo de informação é importante para a aprendizagem da categoria e é incorporado na categoria. Os seus efeitos reflectem-se, não na tendência central, mas numa outra forma de concepção da categoria, a variabilidade percebida.

A tendência central e a variabilidade percebida são duas dimensões que têm exigências diferentes. Enquanto a tendência central concentra, como o nome indica, o cerne da categoria resultante de um processamento e percepção mais controlado e consciente, a variabilidade percebida pode resultar de uma espécie de contaminação mental. Dá-se o nome de contaminação mental quando determinado processo inconsciente e/ou incontrolável pode influenciar julgamentos, emoções ou comportamentos. Para evitar ser influenciado e contaminado, o sujeito deve ultrapassar quatro condições: primeiro tem de se aperceber do processo mental que foi despoletado sem a sua intenção, essa percepção pode ser feita por introspecção ou por existir uma ideia subjectiva que lhes indica que pode ser influenciado sem querer; seguidamente o sujeito deve estar motivado para corrigir o enviesamento; depois, mesmo que consciente e motivado o sujeito deve saber a amplitude e direcção do enviesamento para o conseguir corrigir correctamente, por fim, se todas estas condições forem satisfeitas, o sujeito tem de ter o controlo mental necessário para contornar a contaminação (Wilson & Brekke, 1994).

Reconsiderando os mecanismo explicativos apresentados na secção anterior pode-se explicar a influência de um traço contra-estereotípico na variabilidade percebida da categoria através de dois processos: os traços são incorporados numa pista compósita através de processos semelhantes à contaminação mental ou é desencadeado um processo de monitorização das pistas recuperadas (Garcia-Marques e Mackie, 1999). Ambos os mecanismos originam um enviesamento que vai resultar em alterações na variabilidade percebida. Os resultados de Garcia-Marques et al. (1999) corroboraram estas hipóteses. Os participantes que receberam informação incongruente escolheram distribuições mais variáveis como reflectoras do grupo como um todo e produziram

distribuições mais diferenciadas dos membros do grupo ao longo da dimensão dos traços. Os autores ponderaram a possibilidade de estes resultados serem consequência da incorporação de informação extremada (relativamente ao estereótipo) mais do que ser consequência de se tratar de contradição de informação. Contudo, esta hipótese foi retirada depois da verificação, numa das condições, de que os participantes que receberam informação super-congruente (igualmente variável, mas do outro extremo do estereótipo) não apresentaram estas alterações da variabilidade percebida.

As duas medidas de avaliação do estereótipo não são mutuamente exclusivas. As alterações na variabilidade percebida não se reflectem em alterações na tendência central (Garcia-Marques e Mackie, 1999). Este efeito permite ao autores conjecturar sobre os processos subjacentes às mudanças dos estereótipos. Ou seja, pode ser que à medida que encontramos mais membros de uma categoria a apresentar um traço incongruente com o estereótipo, vamos considerando uma variabilidade da categoria relativa a esse traço cada vez maior, até que, nalgum ponto do tempo, esse traço deixa de pertencer à tendência central do estereótipo.

### ***O presente estudo***

A investigação exposta neste trabalho é orientada pelos estudos discutidos anteriormente. No seguimento do estudo de Garcia-Marques, Santos e Mackie (2006) pretende-se continuar a estudar a maleabilidade dos estereótipos através da variação do contexto. Mais especificamente pretende-se fazer uma replicação dos resultados do estudo de Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira e Moreira (submetido) relativamente aos efeitos da primação de traços contra-estereotípicos e não-estereotípicos de uma categoria social. Adicionalmente serão utilizadas duas medidas de avaliação do estereótipo evidenciadas por Garcia-Marques e Mackie (1999): a tendência central e a variabilidade percebida.

As hipóteses subjacentes são que a primação de um traço não-estereotípico tenha efeito sobre a tendência central do estereótipo; que a primação do traço contra-estereotípico não afecte a tendência central, mas aumente a variabilidade percebida. Não foram formuladas hipóteses sobre os efeitos da primação do traço não-estereotípico sobre a variabilidade percebida. A confirmação das hipóteses possibilitará uma compreensão da influência do contexto na activação dos estereótipos.

## Experiência 1 - Método

### 1. Participantes e delineamento experimental

Participaram nesta experiência 142 estudantes da Universidade de Lisboa (59 homens e 83 mulheres) que se inscreveram mediante a recepção de créditos para uma disciplina do curso de Psicologia.

O delineamento experimental baseou-se num design de 2 traços primados (inteligência e simpatia) x 2 categorias sociais (trabalhadores das obras e *skinheads*) x 2 tipos de traços (contra-estereotípico e não-estereotípico) para o qual, os participantes foram aleatoriamente distribuídos. O último factor foi intra-participante.

Este design permite comparar a influência do contexto de forma que a condição do traço não-estereotípico é a condição controlo relativamente à condição de primação do traço contra-estereotípico e vice-versa.

O vocabulário utilizado para designar os traços de personalidade é referente aos estereótipos que vão ser avaliados pelos sujeitos. Os traços primados na experiência serão um traço contra-estereotípico e um traço não-estereotípico.

Os participantes realizaram a experiência em grupos no máximo de 10 pessoas. A sequência da experiência foi em primeiro lugar a tarefa de primação, depois uma tarefa de um estudo de memória enquadrada e orientada por outro grupo de investigação e, finalmente, a tarefa de avaliação do estereótipo. A duração típica do conjunto das experiências foi de 30/40 minutos.

### 2. Procedimento

Para testar o impacto que o contexto tem na activação de um estereótipo, os sujeitos realizaram uma tarefa inicial (Anexo A) onde foram primados com um traço (não-estereotípico ou contra-estereotípico) e noutra tarefa avaliaram um estereótipo em medidas de tendência central e variabilidade percebida que incluiu 6 tarefas no total (Anexo B). Por fim, os sujeitos responderam a questões de *debriefing*.

#### 2.1. Tarefa de primação

A variação do contexto foi então efectuada através de uma primação das palavras simpatia e inteligência. Estes traços foram propositadamente escolhidos para o design deste estudo. De acordo com estudos anteriores (Garica-Marques & Mackie,

1999; Santos, 2001, 2007) é sabido que o traço simpático é não-estereotípico para a categoria trabalhador das obras e é contra-estereotípico da categoria *skinheads*; o traço inteligente é não-estereotípico para a categoria *skinhead* e é contra-estereotípico da categoria trabalhador das obras.

A tarefa de primação foi apresentada aos sujeitos como sendo uma tarefa linguística de pré-teste de material para futuros estudos do Grupo de Estudos em Linguística Cognitiva da Universidade de Lisboa. A tarefa incluía a classificação de palavras numa escala familiar – tarefa irrelevante para o nosso estudo, utilizada para dar mais credibilidade à tarefa linguística, e uma tarefa de definição de palavras. A definição de palavras pedia aos sujeitos para definir duas palavras utilizando palavras suas. Os sujeitos podiam desenvolver a sua resposta ao longo de 4 linhas. A primeira palavra era “conservador” e a segunda era “inteligência” ou “simpatia”. O traço “conservador” é neutro para ambas as categorias que iam ser avaliadas nas tarefas seguintes.

O objectivo desta tarefa foi primar os sujeitos com os traços “inteligência” e “simpatia”. Esta foi uma primação supra-liminar. A envolvente da tarefa demonstrou explicitamente que esta não estava relacionada com as tarefas seguintes. Os procedimentos utilizados neste sentido serão descritos seguidamente. No início foi dito aos sujeitos que iriam contribuir para 3 experiências de 3 grupos de investigação diferente. Um experimento de linguística cognitiva, um de memória e um terceiro de cognição social. O experimentador que deu as instruções para o primeiro experimento e se disponibilizou para tirar dúvidas, recolheu o material no final da tarefa e saiu seguidamente da sala, agradecendo a colaboração para o seu estudo. Adicionalmente as instruções escritas foram formatadas (tipo de letra, tamanho, margens da página) de maneira diferente das utilizadas nas instruções para as tarefas seguintes.

O facto de o estímulo-primado ser supra-liminar e não subliminar não é um factor crítico neste caso. Espera-se que o impacto do contexto não seja alterado pela consciência do sujeito do estímulo-primado em si, mas da sua potencial influência nos seus processos mentais (Bargh & Chartrand, 2000). Daí que, por outro lado, se dê tanto ênfase a que os sujeitos não se apercebam da relação entre tarefa linguística e de avaliação do estereótipo.

Os traços primados pertencem aos pólos opostos da estrutura multidimensional de traços psicológicos de Rosenber, Nelson e Vivekananthan (1968), e representam

duas dimensões relativamente independentes da personalidade. Ao utilizar estes traços é menos provável que outros traços possam ser associados e activados.

Estudos anteriores (e.g. Santos, 2001; Brazão e Garcia-Marques, 2004 e Santos, 2007) forneceram listas de atributos típicos das duas categorias sociais utilizadas neste estudo. Nesses estudos revelou-se que o traço simpático e o traço inteligente nunca foram mencionados para descrever nenhum dos grupos sociais. Mas que o antónimo de simpático (antipático) era típico de *skinheads* e, pelo contrário, o antónimo de inteligente (não inteligente) era típico do grupo de trabalhadores das obras.

Desta forma, utilizando estes dois traços como estímulos-primos foi possível simultaneamente avaliar o impacto de um contexto não-estereotípico e a sensibilidade da compilação dos estereótipos a um contexto incongruente (traços não-estereotípicos e contra-estereotípicos, respectivamente).

## 2.2. Medidas dependentes: Avaliação do estereótipo

### 2.2.1. Tarefa de escolha de traços

A primeira tarefa de avaliação da tendência central é a escolha de traços a partir de uma lista semelhante à lista de adjectivos de Katz e Braly (1933). Este procedimento tem sido largamente utilizado na avaliação de estereótipos, incluindo estudos que demonstraram estabilidade (Gilbert, 1951).

A lista utilizada tem 45 traços e foi elaborada de acordo com os critérios de Dovidio, Evans e Tyler (1986), tendo sido anteriormente utilizada por Santos e colaboradores (submetido; Barzão e Garcia-Marques, 2004). A lista incluiu traços estereotípicos de trabalhadores das obras, estereotípicos de *skinheads*, traços contra-estereotípicos, além de traços não-estereotípicos e os seus antónimos (Anexo B, pag.1).

As instruções da tarefa pediam aos participantes para escolher cerca de cinco traços mais típicos do grupo social (Anexo B, pag.1). Avaliar as escolhas de traços característicos de um estereótipo permite compreender a tendência central desse estereótipo.

O método de Katz e Braly é semelhante a um teste de reconhecimento, na medida em que os sujeitos devem tentar reconhecer na lista aqueles traços que se associam em memória com o estereótipo. Aquando esta monitorização, os sujeitos tentam aceder à fonte de informação que valida a familiaridade de determinado traço.

Espera-se que esta monitorização seja aumentada quando informação relevante está mais activa (aquando a primação do traço contra-estereotípico). Por outro lado, quando informação não estereotípica está presente em mente, podemos hipotetizar que a monitorização falhe na distinção entre familiaridade momentânea/contextual e familiaridade advinda do processo de auto-geração de traços aquando o julgamento do estereótipo.

### *2.2.2. Escalas de avaliação bipolares*

A primeira medida de variabilidade percebida do estereótipo foi a tarefa de escalas bipolares de dimensões de traços de personalidade (Anexo B, pag.1).

As escalas apresentadas aos sujeitos continham 14 dimensões de personalidade com um traço de um lado da escala e o seu antónimo do outro (por exemplo, “Não inteligente 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Inteligente”). As dimensões apresentadas incluíram dimensões dos traços estereotípicos e os não-estereotípicos primados, e dimensões de traços não-estereotípicos para os dois grupos entre outros. Foi pedido aos sujeitos que avaliassem o grupo social em cada dimensão entre o pólo negativo (1) e o positivo (9). Esta tarefa pretende medir a variabilidade percebida dos sujeitos, uma vez que um traço que caracterize a maioria dos membros do grupo leva os sujeitos a escolher um número mais próximo desse traço.

De acordo com o paradigma que se pretende aqui defender era esperado que os sujeitos fossem influenciados pela primação do traço não-estereotípico na avaliação da dimensão correspondente a esse traço, nomeadamente esperava-se que os participantes se aproximassem mais dos valores do traço não-estereotípico quando esse era o traço primado do que quando o traço contra-estereotípico era primado. Não se esperam alterações na classificação da dimensão estereotípica/contra-estereotípica mesmo na condição de primação do traço contra-estereotípico.

### *2.2.3. Variabilidade Geral*

Tal como o título indica, através de uma pergunta directa de “Quão diferentes são?” pretendeu-se verificar a variabilidade percebida de cada estereótipo. Os sujeitos classificaram numa escala em que 1 correspondia a “Nada diferentes” e 9 a “Muito diferentes” (Park & Judd, 1990; Park & Rothbart, 1982). As instruções estão descritas no anexo B (pág.2).



Ao contrário das medidas de tendência central, é esperado que nesta medida de variabilidade percebida a primação do traço contra-estereotípico tenha efeito na avaliação do estereótipo, nomeadamente que aumente a variabilidade percebida. A distinção entre esta medida de variabilidade das outras é que se direcciona para uma caracterização geral do grupo e não especificamente para um dos traços a avaliar.

#### *2.2.4. Percentagens dos traços*

De seguida foi pedido aos participantes para escolherem percentagens numa tarefa direccionada directamente para a variabilidade dos traços de personalidade (Anexo B, pág.2). Assim, foi pedido aos sujeitos que avaliassem que percentagem do grupo tinha o traço estereotípico, contra-estereotípico, não-estereotípico e o antónimo do traço não-estereotípico. Segundo Park e Rothbart (1982) estas medidas de estimação da percentagem caracterizam-se como fáceis de completar pelos sujeitos e de confiança para uma análise de estereótipos.

Esperava-se que a primação do traço contra-estereotípico se reflectisse num aumento da percentagem de membros do grupo com esse traço. A forma de análise realizada posteriormente foi feita através da subtracção das percentagens correspondentes ao traço contra-estereotípico do traço estereotípico. A partir desta diferença será possível verificar o nível de uniformidade, ou seja, diferenças grandes indicam que muitos dos membros do grupo têm a característica estereotípica e poucos têm a contra-estereotípica; diferenças pequenas reflectem a percepção de uma variabilidade maior entre os membros ou pouca aderência ao protótipo do grupo (Santos et al., submetido).

#### *2.2.5. Distribuição*

Uma das últimas medidas de avaliação do estereótipo deste estudo baseou-se na metodologia do estudo de Garcia-Marques e Mackie (1999). Os autores utilizaram gráficos de distribuições de traços para medir quer a tendência central, quer a variabilidade percebida (a matriz de distribuições da categoria Skinhead para a dimensão “Antipático-Simpático” encontra-se no anexo B, pág. 4).

Através de uma distribuição de um grupo é possível escolher simultaneamente a aproximação da distribuição de um pólo - correspondente à tendência central, e a dispersão do grupo que corresponde à variabilidade percebida de um traço de personalidade. Os sujeitos tiveram que escolher a distribuição que melhor combinasse

as duas medidas. No total havia uma matriz para cada dimensão de 15 distribuições que combinaram cinco níveis de tendência central e três níveis de dispersão. Uma matriz dizia respeito à dimensão “simpático vs antipático” e outra à dimensão “inteligente vs não inteligente”. Cada dimensão era a dimensão do traço estereotípico/contra-estereotípico ou a dimensão do traço não-estereotípico/antónimo do não-estereotípico, consoante o grupo social que estava a ser avaliado.

Foi pedido aos sujeitos para escolherem a distribuição que melhor caracterizava o grupo. Espera-se que os sujeitos a quem foi primado o traço não-estereotípico primado escolham distribuições cuja tendência central se aproxime mais desse traço primado do que do seu antónimo. Contudo para os sujeitos cuja condição de primação foi a do traço contra-estereotípico espera-se que não surjam diferenças na tendência central, mas que escolham distribuições com maior variabilidade relativamente à dimensão desse traço.

Estudos anteriores (Garcia-Marques e Mackie, 1999) demonstraram que esta tarefa de distribuição é facilmente compreendida e respondida pelos participantes.

#### 2.2.6. *Tipicidade da descrição de um exemplar atípico*

A última tarefa de avaliação do estereótipo foi classificar um membro do grupo social. A descrição foi elaborada através de pré-testes explicados na secção do “Material”. A descrição apresentada é uma descrição de um membro extremamente atípico na dimensão estereotípica que o caracteriza. Para o grupo “trabalhadores das obras” a descrição é de um membro inteligente e para o grupo *skinheads* é de um membro simpático (este último pode ler-se no Anexo B, pág.5). Aqui só foi avaliada a percepção do traço contra-estereotípico.

Espera-se que o membro seja classificado na escala de tipicidade (“1” extremamente atípico e “9” típico) de forma mais próxima do pólo atípico, mas que exista uma diferença entre as condições de primação. Espera-se que os sujeitos cujo traço primado foi o contra-estereotípico não classifiquem o membro tão atipicamente como os sujeitos cujo traço primado foi o não-estereotípico. Este resultado reflectiria a mudança na variabilidade percebida do grupo.

Assim, embora o traço inteligente continue a ser atípico do grupo “trabalhadores das obras”, a primação deste traço leva a que os sujeitos considerem que este traço está

incluído no grupo e portanto não é tão incomum assim que existam membros inteligentes.

Note-se que a escala apresentada aos sujeitos é de 1 (Extremamente atípico) a 7 (Extremamente típico), e sendo que 4 é o ponto intermédio, espera-se que a escolha dos sujeitos recaia sobre os valores mais próximos do pólo atípico (1,2 e 3).

### 2.3. Questões de *debriefing*

À semelhança das medidas de controlo relativas à tarefa de primação, no final da tarefa de avaliação do grupo social foram também tomadas medidas para assegurar que a influência do contexto e a relação entre as duas tarefas (primação e avaliação do estereótipo) não é perceptível pelos sujeitos.

A fim de averiguar se os participantes suspeitaram do efeito de primação da tarefa linguística sobre a activação do estereótipo, foi pedido aos participantes para responderem a questões no final. Estas questões foram adaptadas da técnica sugerida por Bargh e Chartrand (2000) (*funneled debriefing procedure*) para tarefas de primação supraliminar.

Assim, perguntou-se aos sujeitos se existia alguma relação entre as duas tarefas numa primeira questão, de seguida os sujeitos responderam se o que se fez na tarefa inicial afectou o desempenho da tarefa do grupo social; em caso de resposta positiva pediu-se aos sujeitos que dissessem como é que foram afectados.

Para contornar o possível enviesamento de percepção positiva do desempenho individual a questão de desempenho foi também pedida relativamente aos outros participantes. As questões disponíveis a verificação no Anexo B (pag.5).

Espera-se que os sujeitos não se apercebam da relação entre as duas tarefas. Caso os sujeitos percebam a tarefa de primação como relevante para a segunda tarefa é possível que algum tipo de monitorização não esperado seja feito, interferindo possivelmente nos resultados. Contudo, muitas vezes, a simples crença de que pode existir uma contaminação mental, ou seja que a tarefa de primação possa influenciar indesejadamente a tarefa de categorização, não é suficiente para despoletar uma monitorização eficiente (Wilson & Brekke, 1994). Isto porque pode haver falta de introspecção e/ou controlo sobre os processos cognitivos, ou porque há um enviesamento da percepção de controlo que diminui a percepção de susceptibilidade que o sujeito sente relativamente a uma influência detectada.

### 3. Material

#### *Descrições de um membro atípico*

Uma das tarefas de avaliação do estereótipo foi avaliar a tipicidade de uma descrição correspondente a um membro da categoria. As descrições foram elaboradas previamente por juízes independentes. Os juízes classificaram 72 descrições espontâneas realizadas por uma amostra aleatória, relativas a membros das categorias “trabalhadores das obras” e “seguranças de discoteca”. A partir dessa classificação os juízes escreveram 10 descrições atípicas para um membro da categoria “trabalhador das obras” e 10 para um membro da categoria *skinhead*. As descrições da categoria *skinhead* foram feitas com base na categoria de “segurança de discoteca”, que de acordo com Santos e colaboradores (submetido) são categorias paralelas. Dessas 10 descrições foram escolhidas para este trabalho a mais atípica de cada categoria através de uma segunda classificação realizada por outra amostra aleatória.

## Resultados

### Avaliação do estereótipo

#### *1. Tarefa de escolha de traços*

A tarefa de escolha de traços característicos do grupo a partir de uma lista, pretendeu verificar como é que o contexto pode influenciar a tendência central do estereótipo. Nesta tarefa os sujeitos escolherem cerca de cinco traços que considerassem mais característicos do grupo. Segundo as hipóteses do estudo, a activação momentânea de informação não estereotípica pode levar à sua incorporação no estereótipo. Deste modo, esperava-se que os sujeitos da condição de primação do traço não-estereotípico incluíssem esse traço num dos cinco mais característicos do grupo social.

Adicionalmente, a concepção de que existem limites para esta influência do contexto poderia traduzir-se nos resultados do desempenho dos sujeitos da condição de primação de informação contra-estereotípica. Aqui era esperado que, mesmo primando o traço contra-estereotípico, este traço não fosse incorporado na tendência central do estereótipo, ou seja neste caso, que não fizesse parte dos cinco traços mais escolhidos pelos sujeitos como característicos do grupo.

As hipóteses desta medida foram corroboradas.

O traço não-estereotípico foi escolhido significativamente mais vezes quando foi primado previamente. A escolha do traço não-estereotípico foi 1.4% das vezes quando o traço primado foi o contra-estereotípico e 9.7% quando o primado foi o traço não-estereotípico (Tabela 1). A diferença entre os valores foi significativa, de  $p = .034$ . Ou seja, replicando os resultados de Santos e colaboradores (submetido) verifica-se que até informação não estereotípica pode ser incorporada no estereótipo e caracterizar a tendência central da categoria.

O traço contra-estereotípico não foi incluído na escolha de traços característicos do grupo. A escolha do traço contra-estereotípico foi 1% das vezes quando o traço primado foi o contra-estereotípico e 4% quando foi primado o traço não-estereotípico. Através do Teste de Probabilidades Exactas de *Fisher* (unilateral) verificou-se uma diferença não significativa entre as duas percentagens. Assim, e corroborando a hipótese prevista, a tendência central do estereótipo não foi afectada pela primação de informação incongruente.

**Tabela 1.** Escolha de traços contra-estereotípicos e não-estereotípicos consoante a primação.

Traço primado	Traço contra-estereotípico		Traço não-estereotípico	
	Escolhido	Não escolhido	Escolhido	Não escolhido
Traço contra-estereotípico	1% (1/70)	99% (69/70)	1,4% (1/70)	98,6% (69/70)
Traço não-estereotípico	4% (3/72)	96% (69/72)	9,7% (7/72)	90,3% (65/72)
<i>Teste de Fisher</i>	$p = .32$ , unilateral		$p = .034$ , unilateral	

## 2. Escalas de avaliação bipolares

Através de uma análise de variância de medidas mistas a 3 factores: 2 estímulo-primado (Inteligência ou Simpatia) x 2 grupos estereotípicos (Trabalhadores das obras ou “Skinheads”) x 2 dimensões (Contra estereotípica e Não estereotípica) chegou-se aos seguintes resultados.

Verifica-se que a tendência das médias vai no sentido esperado, isto é, a dimensão do traço estereotípico/contra-estereotípico mantém-se seja qual for a condição de primação. Os sujeitos avaliaram o grupo na dimensão do traço estereotípico/contra-estereotípico sempre próximo do pólo estereotípico apresentando mais uma vez limites da influência do contexto nos estereótipos (em média escolheram 3 na escala de 1 (traço estereotípico) a 9 (traço contra-estereotípico)) (Tabela 2).

**Tabela 2.** Classificações médias das dimensões “inteligência” e “simpatia”, em que cada dimensão é estereotípica ou não-estereotípica relativamente ao traço primado.

Traço primado	Dimensão do traço	
	(1) Estereotípico (9) Contra-estereotípico	(1) Oposto ao não-estereotípico (9) Não-estereotípico
Traço contra-estereotípico	3,07	4,96
Traço não-estereotípico	3,04	5,38
<i>ANOVA</i>	$F(1, 140)=.021; p=.910$ , $Mse=2,45$	$F(1,140)=2.128; p=.147$ , $Mse=2,91$

Concluimos que a dimensão relevante para a caracterização do grupo social não é alterada pela primação. Este resultado permite, uma vez mais, inferir que a sensibilidade ao contexto tem limites, nomeadamente através da optimização do processo de monitorização de estímulos relevantes.

Pelo contrário a dimensão do traço não-estereotípico/oposto ao não-estereotípico aproxima-se sempre mais do traço não-estereotípico. Nesta dimensão esperava-se que os sujeitos fossem influenciados pela primação. Esperava-se que a influência do contexto (primação) levasse à classificação do traço não-estereotípico como mais característico do grupo. Contudo, analisando a média das diferenças através de uma análise *Anova*, as médias escolhidas pelos sujeitos de ambas as condições de primação para classificar esta dimensão não apresentam uma diferença significativa.

Embora não seja significativo, verifica-se que dependendo se o traço primado é o contra-estereotípico ou o não-estereotípico, a avaliação dada à dimensão não estereotípica varia. Isto é, os trabalhadores das obras foram avaliados como mais simpáticos quando o traço primado foi o não-estereotípico (simpatia), do que com o traço contra-estereotípico (inteligência). Da mesma forma os *skinheads* foram avaliados como mais inteligentes quando o traço primado foi o não-estereotípico (inteligência) do que quando foi o contra-estereotípico (simpatia).

Ao contrário do esperado, primar o traço não-estereotípico não levou necessariamente a uma aproximação desse traço nesta medida.

### 3. Variabilidade Geral

A primeira medida de variabilidade percebida não corroborou de modo significativo a hipótese do estudo. Esperava-se que a primação do traço contra-estereotípico levasse a uma visão geral do estereótipo como mais heterogéneo.

A resposta à questão “Quão diferentes são os trabalhadores das obras?” (*skinheads* para metade dos sujeitos) foi semelhante para ambas as condições de primação. Os sujeitos cuja condição de primação foi o traço contra-estereotípico avaliaram a diferença do grupo numa média de 4.50 (sendo que 1 corresponde a “iguais” e 9 a “diferentes”) e a média dos sujeitos cuja condição de primação foi o traço não-estereotípico foi de 4.68. A primação do traço contra-estereotípico não aumentou a percepção de variabilidade do grupo.

#### 4. Percentagens dos traços

Nesta medida pretendeu-se verificar a variabilidade percebida dos traços e o efeito dos diferentes tipos de primação. Esperava-se que a primação de um traço contra-estereotípico se reflectisse num aumento da variabilidade percebida desse traço no grupo social.

A escolha dos sujeitos demonstrou que a percentagem do traço estereotípico é sempre maior do que a percentagem do traço contra-estereotípico. Assim, a análise dos resultados desta medida vai basear-se na diferença de percentagens do traço estereotípico e do traço contra-estereotípico. Quanto menor esta diferença, maior a percentagem do traço contra-estereotípico admitida pelos sujeitos para o grupo social.

A hipótese foi corroborada. A diferença de percentagem entre o traço estereotípico o traço contra-estereotípico é menor quando se primou o traço contra-estereotípico - é 39.7% e 53.1% quando se primou o não-estereotípico (Tabela 3). O que significa que na condição de primação do traço contra-estereotípico os participantes permitem a possibilidade de existirem mais membros do grupo com esse traço. Exemplificando, os sujeitos que foram primados com o traço inteligente admitiram mais membros do grupo trabalhador das obras inteligentes do que os sujeitos que foram primados com o traço simpatia. O mesmo se verificou para o grupo *skinheads*. Esta diferença é significativa de  $p = .0068$ .

**Tabela 3.** Percentagens atribuídas pelos sujeitos.

<b>Traço primado</b>	<b>Diferença de % estereotípica e contra-estereotípica</b>	<b>Diferença de % do traço não- estereotípico e o seu oposto</b>	<b>Percentagem do traço não- estereotípico</b>
Traço contra- estereotípico	39,7%	30,7%	41,9%
Traço não- estereotípico	53,1 %	30,5 %	49,5 %
<i>ANOVA</i>	$F(1,140)=7.55;$ $p=.0068, Mse=843,9$	$F(1,140)=.00; p=.969,$ $Mse=677,8$	$F(1,140)=3.96;$ $p=.049, Mse=521,7$



A diferença entre a percentagem do traço não-estereotípico e o seu oposto não é significativa. A escolha do traço não varia de forma significativa consoante o tipo de primação. Este estudo não previa hipóteses sobre influência de contexto não-estereotípico sobre a variabilidade percebida.

### *5. Distribuição*

A tarefa de escolha do gráfico com a distribuição correspondente ao grupo social previu resultados para a tendência central e para a variabilidade percebida. Os resultados serão analisados separadamente.

- **Tendência Central**

A hipótese para a escolha das distribuições com base na tendência central dos traços prevê que os sujeitos escolhessem distribuições mais próximas do traço não-estereotípico quando este traço foi primado. Pelo contrário, espera-se que não haja alterações com a primação do traço contra-estereotípico.

Como esperado, quando o traço não-estereotípico foi primado a média das distribuições escolhidas foi mais próxima do pólo do traço não-estereotípico, mas esta diferença não é significativa. A média foi de 2.74 quando o traço não-estereotípico foi primado e de 2.34 quando o traço contra-estereotípico foi primado (Tabela 4).

A média das distribuições escolhidas para a dimensão do traço estereotípico/contra-estereotípico não variou com a condição de primação. Este resultado é o previsto de acordo com os limites da influência do contexto que se espera para informação contra-estereotípica.

Adicionalmente verifica-se que as médias da dimensão estereotípico/contra-estereotípico são menores (1.30 e 1.44) que as médias da dimensão não-estereotípico/oposto ao não-estereotípico (2.34 e 2.74) (Tabela 4). Este resultado é expectável pois reflecte uma tendência para o pólo estereotípico e nenhuma tendência na dimensão do traço não-estereotípico/oposto ao não-estereotípico.

No geral, a tendência central reflectida na escolha das distribuições não se modificou como consequência da primação.

**Tabela 4.** Distribuição média escolhida com base na tendência central das duas categorias.

Distribuição escolhida com base na tendência central		
Traço Primado	(1) Estereotípico	(1) Oposto ao não-estereotípico
	(5) Contra-estereotípico	(5) Não-estereotípico
Traço Contra-estereotípico	1,30	2,34
Traço Não-estereotípico	1,44	2,74
<i>ANOVA</i>	$F(1,140)=1,47; p=.227,$ $Mse=.503$	$F(1,140)=3,93; p=.049,$ $Mse=1,398$

- Variabilidade Percebida

De acordo com as hipóteses formuladas é esperado que a primação do traço contra-estereotípico altere a variabilidade percebida desse traço no grupo social.

A hipótese foi corroborada. A primação do traço contra-estereotípico levou a uma maior variabilidade percebida do grupo (em que a média das distribuições foi 2.09) relativamente à média das distribuições aquando a primação do traço não-estereotípico, que foi de 1.83 (Tabela 5). Esta diferença foi significativa ( $p = .04$ ).

Adicionalmente, a primação do traço contra-estereotípico levou a que os valores correspondentes aos gráficos de distribuição se aproximassem mais de 3, ou seja o 3º e último gráfico de variabilidade. Primar o traço não-estereotípico não se reflecte em alterações na variabilidade percebida desse traço.

**Tabela 5.** Distribuição média escolhida com base na variabilidade percebida das duas categorias.

Distribuição escolhida com base na variabilidade percebida		
Traço Primado	(1) Estereotípico	(1) Oposto ao não-estereotípico
	(3) Contra-estereotípico	(3) Não-estereotípico
Traço Contra-estereotípico	2.09	2.20
Traço Não-estereotípico	1.83	2.08
ANOVA	$F(1,140)=4.31; p=.04, Mse=.525$	$F(1,140)=.88; p=.349, Mse=.548$

#### 6. Tipicidade da descrição de um exemplar atípico

A última medida de avaliação do estereótipo é a avaliação da tipicidade de um membro cuja descrição é atípica relativamente à dimensão do traço estereotípico. Espera-se que a influência do contexto contra-estereotípico na variabilidade percebida se reflecta nesta medida, isto é, que os sujeitos primados com o traço contra-estereotípico considerem este membro como menos atípico do que os sujeitos da outra condição.

Embora seja um valor marginalmente significativo ( $F=3.21; p=.075$ ) a primação de um traço contra-estereotípico correspondeu a uma avaliação menos atípica do exemplar comparativamente à primação de um traço não-estereotípico (2.45 para 2.00 numa escala de 7 pontos em que 7 é extremamente típico) (Tabela 6). Corroborando a hipótese formulada.

**Tabela 6.** Valor de tipicidade médio atribuído ao membro descrito.

Quão atípico?	
Traço primado	(1) Extremamente Atípico – (7) Ext. Típico
Contra-estereotípico	2,45
Não-estereotípico	2,00
ANOVA	$F(1,140)=3,21; p=.075, Mse=2,15$

### **Questões de *debriefing***

Quase metade dos participantes respondeu que existia uma relação entre a tarefa inicial e a tarefa relativa aos grupos sociais: 44.3% responderam que sim e 55.7% que não.

À partida este resultado é preocupante, contudo, analisando as respostas às questões seguintes, verificou-se que 89.1% dos sujeitos afirmou que o desempenho da primeira tarefa não influenciou o seu desempenho da última tarefa. 90% dos participantes afirmaram ainda não existir este tipo de influência também no desempenho dos outros participantes. Adicionalmente não surgiu nenhuma razão correcta quando se pediu uma justificação para as respostas dadas. De acordo com o processo de correcção de contaminação mental (Wilson & Brekke, 1994) alguns sujeitos chegaram à primeira fase de correcção, isto é, de percepção de possível contaminação/influência, mas à partida a maioria dos sujeitos não fez uma monitorização direccionada para controlar essa influência uma vez que afirmou (89.1%) não ter sido influenciado no seu desempenho o que indica que não se apercebeu de qual é realmente a relação entre as tarefas.

## Discussão

Os resultados foram resumidos e agrupados na tabela seguinte consoante o tipo de traço primado, a medida a analisar e o tipo de tarefa.

**Tabela 7.** Lista dos resultados para as medidas de avaliação do estereótipo consoante o tipo de primação.

Tipo de tarefa	Traço não-estereotípico	Traço contra-estereotípico
Escolha de traços	É incorporado	Não é incorporado
Escala bipolar	<i>Resultado não significativo</i>	Não influencia
Distribuição (tendência central)	<i>Resultado não significativo</i>	Não influencia
Distribuição (variabilidade percebida)	Não influencia	Influencia
Percentagens	Não influencia	Influencia
Tipicidade	-	Influencia
Variabilidade Geral	-	Não influencia

As primeiras três linhas da tabela referem-se às tarefas que mediram a tendência central do estereótipo e as quatro linhas seguintes referem-se às tarefas que mediram a variabilidade percebida.

### *Influência do contexto na tendência central*

Com as medidas da tendência central pretendeu-se verificar a influência que o contexto tem nos estereótipos. Esta influência é expectável, segundo as teorias defendidas na introdução teórica e as evidências empíricas de estudos anteriores (e.g. Santos et al., submetido), através da primação de informação não estereotípica. Estando esta informação activa em mente, os sujeitos podem confundir a fonte de activação

(Modelo SAC de Ayers & Reder, 1999) com a tarefa em mãos, nomeadamente, podem incorporar o traço não-estereotípico na tendência central do estereótipo. De notar que a informação primada provém sempre de um contexto fortuito e não relacionado com a tarefa de categorização contribuindo mais ainda para a ideia de que haverá uma incorporação do traço que se processa sem a monitorização do sujeito.

O facto de ser tratar de informação não diagnóstica é aqui a chave para a incorporação da informação no estereótipo. É possível que não haja de todo monitorização aquando essa incorporação ou que haja monitorização mas que falhe de alguma forma. Não havendo monitorização a distinguir a informação activa em mente e a sua fonte de activação, pode ser que se forme uma compilação geral. Surgindo a crença ilusória de que toda a informação em mente faz parte do mesmo conceito, neste caso, que todos os traços activos em mente fazem parte do estereótipo tal como sugere o modelo de pistas de recuperação compósita (Ratcliff e McKoon, 1988).

Esta influência do traço não-estereotípico no estereótipo traduziu-se na tarefa de escolha de traços característicos. Esta tarefa já tem sido utilizada em estudos anteriores (Santos et al., submetido) e os resultados empiricamente demonstrados foram replicados neste estudo: o traço não-estereotípico é incorporado na tendência central do estereótipo, isto é, o traço não-estereotípico é tido como um dos cinco traços mais característicos do grupo social.

As duas outras medidas que avaliaram a tendência central demonstraram o efeito desejado de influência do traço não-estereotípico, mas não apresentaram resultados significativos (Tabela 7). Na tarefa de escalas bipolares os valores correspondentes à dimensão do traço não-estereotípico/oposto do não-estereotípico foram próximos do meio da escala. Este resultado é esperado uma vez que a dimensão a caracterizar o estereótipo não é estereotípica, portanto não se deve aproximar de nenhum pólo. Contudo, na tarefa de escolha de uma distribuição a média dos gráficos escolhidos para a tendência central rondou sempre os três primeiros gráficos, o que não corresponde ao ponto mais neutro da dimensão do traço não-estereotípico/oposto ao não-estereotípico. Pode aludir-se a um efeito semelhante ao efeito de primazia que pode estar na base da escolha dos primeiros gráficos que os sujeitos observaram.

### *Limites da influência do contexto (tendência central)*

O objectivo desta investigação é identificar a influência do contexto, mas também os limites a essa influência.

De acordo com as concepções explicativas dos processos subjacentes à incorporação ou não incorporação de pistas do contexto nos estereótipos admite-se um tipo de influência diferente consoante a “diagnosticidade” da informação do contexto. Um fundamento para a incorporação do traço não-estereotípico no estereótipo é que a natureza diagnóstica desse traço contorna a necessidade de monitorização. Mas este não é o caso do traço contra-estereotípico. O traço contra-estereotípico activo pelo contexto interfere com a activação do estereótipo. Existem diferentes suposições para a acção de informação incongruente nos processos mentais (e.g., Garcia-Marques & Hamilton, 1996). Pode pensar-se que a activação do traço contra-estereotípico activa episódios recuperados da memória; procura exemplares com essas características, etc., mas todas as concepções assumem que a informação contraditória/incongruente activa processos de monitorização e controlo mental.

Independentemente do processo explicativo, as evidências desta experiência foram claras. O traço contra-estereotípico não influenciou de forma alguma a tendência central do estereótipo. O traço não foi escolhido como um dos cinco traços característicos do grupo social, a classificação na escala bipolar manteve-se igual para ambas as condições de primação e a escolha da distribuição da dimensão do traço estereotípico/contra-estereotípico não se alterou com a sua primação (Tabela 7).

### *Influência do contexto na variabilidade percebida*

Outro factor essencial desta experiência foi a introdução da medida de variabilidade percebida. Os resultados para esta medida invertem completamente a percepção sobre a influência que a informação contraditória/incongruente tem nos estereótipos. Foi posta a hipótese de que independentemente de a informação contra-estereotípica não ter efeitos na tendência central, podem surgir efeitos na percepção da variabilidade do grupo, nomeadamente tornar esta percepção mais heterogénea (Garcia-Marques & Mackie, 1999).

Assim, é defendido que a primação do traço contra-estereotípico tem efeitos na percepção do grupo social, simplesmente esses efeitos podem não se traduzir de forma

tão directa como a tendência central do estereótipo. Todas as medidas de variabilidade percebida do traço contra-estereotípico apresentaram evidências para a influência do contexto neste sentido.

Replicando os resultados de Santos e colaboradores (submetido) a média das distribuições escolhidas pelos sujeitos para caracterizar a variabilidade do traço contra-estereotípico foi maior na condição de primação do traço contra-estereotípico do que na condição de primação do traço não-estereotípico (Tabela 5).

Adicionalmente, verificam-se percentagens mais elevadas referentes à quantidade admitida pelos sujeitos de membros com o traço contra-estereotípico no grupo social quando o traço primado foi o contra-estereotípico (Tabela 3). Mais uma vez, vê-se o efeito que o contexto tem na variabilidade do grupo social relativamente ao traço contra-estereotípico primado.

A última forma de avaliar a variabilidade percebida do traço contra-estereotípico foi pedida através da classificação da tipicidade de um membro do grupo social. Novamente, os sujeitos cuja condição de primação foi o traço contra-estereotípico aceitaram uma maior quantidade de membros com esse traço, o que se traduziu numa classificação de um membro como não tão atípico como foi na condição de primação do traço não-estereotípico (Tabela 6).

#### *A influência do contexto não se alarga à variabilidade geral*

Por último é analisada a medida de variabilidade geral. As instruções desta medida pediram aos sujeitos que considerassem quão diferentes são os membros de um dos grupos sociais. A avaliação da variabilidade geral não foi afectada pelo tipo de primação. Note-se que é sempre feita uma comparação entre as condições de primação. Pode então conjecturar-se que a primação de um traço não-estereotípico, mesmo que fora da consciência dos sujeitos pode também aumentar a variabilidade percebida do grupo. Isto é, se tenho mais informação sobre mais dimensões pode ser que isto me leve a ver o grupo como mais heterogéneo. Seria interessante explorar se a primação de informação não estereotípica por si só aumenta a percepção de variabilidade através de por exemplo uma condição controlo. Analisando os resultados da tarefa de variabilidade geral pode dizer-se que perante uma descrição tão atípica a classificação no pólo extremo seria adequada. Esta classificação mais “adequada” também não foi efectuada pelos sujeitos da condição de primação do traço não-estereotípico. Isto poderia indicar



já alguma influência do traço não-estereotípico na variabilidade geral. Mas esta hipótese é um pouco improvável, uma explicação mais provável para estas classificações é a tendência de resposta para evitar os pólos de uma escala.

A influência do traço não-estereotípico na variabilidade do traço é posta de lado pois nestas medidas de variabilidade percebida não se verificou qualquer impacto da primação do traço não-estereotípico. Relativamente a este resultado não foram elaboradas hipóteses. Mas será importante reter estes resultados para continuar a estudar os processos subjacentes à influência do contexto, nomeadamente como esses processos ocorrem na primação de informação contra-estereotípica e não na primação de informação não estereotípica, mesmo quando essa informação não estereotípica tem impacto na tendência central do estereótipo.

A introdução desta medida foi interessante também porque salienta a importância de distinguir a influência do contexto na variabilidade geral e na variabilidade de uma dimensão. Assim, embora primar um traço contra-estereotípico tenha impacto na percepção da variabilidade desse traço no grupo, a percepção do estereótipo geral não reflecte consequências directas.

## ***Conclusão***

Os contributos desta investigação têm um carácter maioritariamente empírico. Procurou desafiar-se a ideia de estabilidade dos estereótipos através da demonstração da influência do contexto nos estereótipos. As demonstrações chave incluem (a) a influência do contexto mesmo que não relacionado com a categorização do estereótipo; (b) os efeitos que diferentes tipos de primação podem ter na categorização, nomeadamente a diferença entre traços irrelevantes ou diagnósticos do estereótipo a avaliar; e, por fim, (c) as diferentes formas de detectar esses efeitos, nomeadamente efeitos na tendência central do estereótipo e na percepção da sua variabilidade. Existem algumas teorias capazes de incluir estas demonstrações empíricas como o modelo de confusão com a fonte de activação (Ayers & Reder, 1998) e o mecanismo das pistas de recuperação compósita (Ratcliff & McKoon, 1988). Investigações futuras podem tender para um maior desenvolvimento da ponte entre as evidências empíricas de maleabilidade e sensibilidade dos estereótipos ao contexto e uma teoria que as consiga abarcar.

## Experiência 2 - Follow-up

Os resultados da presente investigação possibilitam projecção para futuras experiências. Reflectindo especificamente sobre os limites da influência do contexto seria interessante ver até que ponto uma informação não estereotípica é assimilada na avaliação de um estereótipo caso seja sugerido aos sujeitos uma fonte de activação para essa informação. Desta forma irá ser considerado se atribuir uma fonte de activação pode causar algum impacto na aplicabilidade do traço não-estereotípico primado. A experiência teria a seguinte sequência: após uma replicação do estudo 1, isto é, de os sujeitos serem primados e realizarem uma tarefa de categorização, seriam novamente expostos a outra tarefa de categorização de outro grupo social. Espera-se que se infira como fonte de activação do estímulo primo a categoria avaliada em primeiro lugar e que isso resulte no evitamento da incorporação do traço na segunda categorização. Caso se verifique esta hipótese, esta experiência pode ter contribuído para investigar que factores e processos estão na base na monitorização e limitação da influência do contexto nos estereótipos.

### *Atribuição a uma fonte de activação*

Os efeitos que surgem da primação são consequência de um enviesamento cognitivo e de falhas introspectivas que as corrijam. As pessoas têm pouca habilidade introspectiva, ou seja, a maioria das pessoas não se apercebe da influência que factores contextuais podem ter no seu julgamento (Wilson & Brekke, 1994). A falha na introspecção torna difícil inferir a fonte de activação do que está activo em mente. Assim, as pessoas podem atribuir erradamente a fonte de activação de determinada informação em mente ao estereótipo activo no momento. De acordo com o modelo de confusão com a fonte de activação (Ayers & Reder, 1998) o facto de determinada informação activa em mente ser integrada numa resposta com a qual não está relacionada é exactamente devido a uma confusão sobre a origem de activação dessa informação. O resultado deste processo observado na experiência 1 foi a contaminação da descrição de um grupo social a partir da primação de um traço não-estereotípico. Invertendo esta ideia original de que a confusão da fonte de activação pode originar uma contaminação mental, pode ser sugerido que a atribuição de uma fonte de activação é uma forma de diminuir a aplicabilidade de informação activa em mente. Ou seja, se for possível atribuir uma fonte de activação a um traço não-estereotípico acessível por ter

sido primado, talvez esse traço deixe de ser aplicável a outro estereótipo ao qual é igualmente irrelevante.

Adicionalmente, esta investigação poderia explicitar um pouco mais se a falha de introspecção relativamente ao traço não-estereotípico primado é resultante de incapacidade introspectiva apenas, ou de uma percepção de que não é necessário monitorizar o processo cognitivo. Quando há uma percepção de que pode existir algum tipo de contaminação mental e consequentemente de monitorizar o processo cognitivo os sujeitos adquirem mecanismos de correcção (Wilson & Brekke, 1994). Atribuir uma fonte de activação, mesmo que errada, pode constituir uma forma de monitorização. Na experiência 1 os sujeitos tinham informação em mente e não tinham com que desconfiar relativamente à fonte de activação dessa informação. Contudo, se lhes for proporcionada uma fonte credível é possível que os sujeitos apliquem monitorização que resulte na não incorporação do traço não-estereotípico primado.

Para desenvolver esta hipótese é necessário contextualizar a ideia nos estudos já realizados sobre os efeitos de primação e aplicabilidade dos estímulos.

#### *Revisão sobre primação e aplicabilidade dos estímulos*

Higgins, Rholes, & Jones (1977, cit. in Martin, et al., 2001) foram dos primeiros autores a demonstrar interesse sobre como a acessibilidade de traços pode influenciar a interpretação de comportamentos e consequente formação de impressões. Já anteriormente Bruner (1957, cit. in Martin, et al., 2001) tinha referido a importância da acessibilidade na interpretação do mundo objectivo. Contudo, contrariamente a Bruner, Higgins e colaboradores (1977) não deram ênfase ao papel da motivação e das expectativas na promoção da acessibilidade, mas sim ao papel de activações anteriores, isto é, à primação. A primação é o conceito que hoje se utiliza em inúmeras investigações em psicologia (como a presente) e baseia-se na ideia de que se um conceito foi recentemente utilizado, este conceito irá estar mais acessível e por isso a probabilidade de ser utilizado para interpretar futuras informações com semelhança significativa é maior. A aplicabilidade desse estímulo primado refere-se ao nível de semelhança entre o primo e o alvo ao qual se dá o nome de “semelhança denotativa”. Inúmeras experiências demonstraram o efeito de primação para estereótipos (Devine, 1989), atitudes (Fazio, Sanbonmatsu, Powel, & Kardes, 1986, cit. in Martin, et al.,

2001), efeitos de ancoragem (Strack & Mussweiler, 1997, cit. in Martin, et al., 2001) e muitas outras áreas.

Ao longo dos anos, a noção de aplicabilidade do estímulo primo tem evoluído. Sabemos através da experiência desta investigação que a aplicabilidade de um estímulo envolve mais do que a mera semelhança denotativa entre o primo e o alvo. Por exemplo, na presente investigação quando o traço primado era irrelevante observou-se que mesmo assim influenciou a impressão do grupo social que estava a ser avaliado. Higgins e Chaires (1980, cit. in Higgins, 1989) demonstraram também que não é necessário que o estímulo primo seja aplicável ao input subsequente (categoria a avaliar) para que se verifiquem efeitos de acessibilidade.

O tipo de primação pode ter efeitos diferentes. Smith e Branscombe (1987, cit. in Martin, et al., 2001) verificaram que os efeitos de primação de conhecimento processual (construção de frases a partir de uma lista de palavras) duram mais tempo do que efeitos de uma primação de conhecimento semântico (julgamento do significado de pares de palavras). Numa segunda experiência os autores verificaram também que os efeitos da primação processual são mais específicos que os efeitos da primação semântica. A primação tem efeito sobre o que é activado na mente mas também a forma como é activado (heurística da disponibilidade).

### *Constrangimentos*

A hipótese aqui defendida é que após a avaliação de um grupo social, ao qual se pode associar a fonte de activação de um traço irrelevante que fora na realidade primado subliminarmente, o efeito de primação já não se irá verificar numa segunda avaliação.

Para garantir que a fonte de activação é atribuída à primeira avaliação é preferível que a primação seja subliminar. Adicionalmente há que garantir que a não influência do traço irrelevante primado é origem da atribuição a uma fonte de activação e não de factores que caracterizam o estímulo primo ou a aplicabilidade. Refiro-me a efeitos de decadência da força da primação.

Estes efeitos são explicados pelo modelo sinapse. Higgins, Bargh e Lombardi (1985, cit. in Higgins, 1989) elaboraram este modelo, sugerindo que assim como nas sinapses, o tempo de diminuição da excitação de um constructo depois da sua activação é maior quando esse constructo é activado frequentemente. Esta diferença no tempo que

um constructo leva a decair permite distinguir o efeito de frequência do efeito de recência. Por exemplo, o modelo de Wyer e Srull (1980, cit. in Higgins, 1989) apenas insere o efeito de frequência no efeito de recência. Aí, a activação frequente de um constructo apenas aumenta a probabilidade de que, a dada altura, o constructo tenha sido recentemente activado, quando um constructo foi recentemente activado é mais provável que seja utilizado novamente. No estudo de Higgins e colaboradores (1985) foram testadas duas condições, uma em que os sujeitos foram primados várias vezes por um estímulo primo e outra em que foram primados apenas uma vez. Esta última condição teve lugar depois da outra condição. De seguida avaliou-se a influência do estímulo primo numa tarefa de categorização. Os resultados demonstraram que quando a tarefa de categorização foi imediatamente depois da tarefa de primação, os sujeitos que foram primados apenas uma vez mas mais recentemente tiveram mais influência na categorização. Contudo, e de acordo com a ideia deste modelo de que um estímulo primado frequentemente demora mais tempo a perder o seu nível de excitação, quando a tarefa de categorização não era imediatamente depois da tarefa de primação os sujeitos da condição de frequência foram mais influenciados pelo estímulo primo do que os sujeitos da condição de recência, que foram primados apenas uma vez, mesmo que mais tarde. Assim, a combinação entre a excitação de um constructo e a sua aplicabilidade a determinado input determina a probabilidade de um constructo ser utilizado na avaliação do input. O que implica que haja um efeito de acessibilidade, isto é, que a primação de um constructo aumente a probabilidade de este constructo ser utilizado num julgamento consequente. Este efeito depende do quão relacionado está o constructo primado com os objectivos do sujeito e/ou com as suas expectativas, da forma como foi primado, se foi recente e/ou frequente.

Segundo o modelo de Variabilidade do Contexto (Freytag, Fiedler, Kutzner & Vogel, in press), a percepção social de pessoas e grupos varia com o quadro de referência. Este quadro de referência não é aleatório. É necessário que o estímulo comparativo tenha um significado semelhante. Segundo o modelo a geração repetida de julgamentos dependentes do contexto afectam a representação de um alvo, uma vez que se dá uma acumulação de impressões divergentes ou convergentes que promovem avaliações menos ou mais (respectivamente) polarizadas. A comparação de estímulos está sujeita a uma interacção entre duas variáveis: a selectividade e a relatividade. Está sujeita à selectividade porque, segundo os autores, não comparamos estímulos

aleatoriamente. Existem pares de estímulos mais facilmente comparáveis do que outros. Adicionalmente existem alguns estímulos que têm um termo de comparação mais fácil de utilizar do que outros. Existem ainda contextos mais propícios que outros para a comparação de dois estímulos. O modelo de Monitorização da Activação de Garcia-Marques (2009) permite completar o modelo anterior relativamente à influência do contexto. Para Freytag e colaboradores (in press) a variabilidade percebida é acumulação de julgamentos dependentes do contexto e não de uma única avaliação num contexto fortuito e irrelevante. Ora, tendo como evidência empírica a presente investigação, e de acordo com Garcia-Marques (2009) o contexto fortuito e irrelevante afecta a variabilidade percebida de um estereótipo.

Tendo em conta a literatura que foi referida será então necessário:

- Prever se os efeitos de primação são de assimilação ou de comparação.
- Considerar qual o efeito que a primeira categorização tem, nomeadamente se pode agir como quadro de referência.
- Garantir que os efeitos de primação existem em ambas as condições de categorização, tendo em conta o tempo de decadência da primação, nomeadamente que a primação semântica (utilizada) tem um efeito mais curto.

### *Hipóteses e Metodologia*

A hipótese do estudo 2 é que o traço primado não é incorporado na segunda categorização de uma categoria relativamente à qual o traço é não-estereotípico.

**Tabela 8.** Design experiência 2

Replicação do estudo 1			
Irrelevante - b	√	Irrelevante - a	X
Irrelevante - a	√	Irrelevante - b	X
Estereotípico	√	Irrelevante - a	X
Irrelevante - a	√	Estereotípico	√
<i>Condição controlo</i>			
Tarefa alternativa	-	Irrelevante - a	√

A experiência tem três fases: (1) Primação do traço inteligência; (2) Categorização do grupo social (3) Categorização do grupo social.

**Tabela 9.** Design da experiência 2 com explicitação das categorias sociais utilizadas.

Categorização 1	Categorização 2
Porteiros de discoteca	Skinheads
Skinheads	Porteiros de discoteca
Programadores de computador	Skinheads
Skinheads	Programadores de computador
<i>Condição controlo</i>	
Tarefa alternativa	Skinheads

#### *Primação 1*

A tarefa de primação será apresentada como um estudo de percepção e atenção. As instruções pedem aos sujeitos que digam de que lado do ecrã se encontra o estímulo apresentado. Aparentemente será uma tarefa só de atenção e percepção, contudo as palavras apresentadas serão agrupamentos de letras, em que a maioria não tem significado, no entanto os estímulos-alvo são agrupamentos de letras que facilmente se associam à palavra que se deseja primar – inteligência.

#### *Categorização 1*

Uma vez que esta experiência tem quatro fases é importante que cada fase tenha um tempo curto para que os sujeitos não demonstrem cansaço e consequentemente enviesem o estudo. Assim, escolhi para a categorização apenas duas tarefas: A selecção de traços característicos e a escolha de uma distribuição.

A tarefa de escolha de traços permite medir a tendência central. É a mesma tarefa que os sujeitos realizaram no estudo 1, de seleccionar 5 traços a partir de uma lista semelhante à lista de adjectivos de Katz e Braly (1933). A matriz de distribuições será semelhante à utilizada no estudo 1. A partir desta escolha é possível medir a tendência central e a variabilidade percebida do traço inteligente na categoria.

A segunda categorização envolve as mesmas tarefas que a primeira.

### *Resultados esperados*

Espera-se que a primeira categoria julgada seja tomada como a fonte de activação do traço não-estereotípico tornando-o saliente e consequentemente que a sua aplicabilidade diminua. Para garantir que a diminuição da aplicabilidade do estímulo primo não é apenas consequência da decadência da sua estimulação em mente (Higgins et al., 1985) realiza-se uma condição controlo em que não existe uma categorização na primeira fase da experiência mas sim outra tarefa não relacionada que dure o mesmo tempo que as outras condições.

Se os resultados surgirem em ambas as condições (irrelevante/irrelevante e estereotípico/irrelevante) pode deduzir-se que este processo de atribuição da fonte de activação é de alguma forma inconsciente. Pois a categoria irrelevante não está associada conscientemente ao traço não-estereotípico primado.

Por último, caso se verifique, através da condição controlo, que a não aplicabilidade do estímulo primo é consequência da decadência do mesmo, poderá reformular-se o design experimental e adquirir uma primação supraliminar prévia a cada fase de categorização.

Caso surjam resultados esperados apenas na condição estereotípico/irrelevante será possivelmente porque o quadro de referência da primeira categorização irrelevante não é suficientemente saliente para os sujeitos o associarem conscientemente como fonte de activação do traço primado, sugerindo que este processo é controlado.

Esta sugestão de investigação permite dar continuidade à experiência 1 ao explorar os efeitos que o contexto fortuito, aliados aos efeitos de confusão com a fonte de activação, têm nos estereótipos. Em particular, esta investigação permite contribuir para a ponte entre teorias, como a teoria de confusão com a fonte de activação, e os conhecimentos sobre aplicabilidade do estímulo, possibilitando investigar a associação entre atribuir uma fonte de activação de uma informação, activa em mente, e o grau de aplicabilidade dessa mesma informação, em processos cognitivos subsequentes.



## Bibliografia

- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290.
- Ayers, M.S., & Reder, L.M. (1998). A theoretical review of the misinformation effect: Predictions from an activation-based memory model. *Psychonomic Bulletin & Review*, 5, 1-21.
- Bargh, J. A. (1999). The cognitive monster: The case against the controllability of automatic stereotype effects. In S. Chaiken & Y. Trope (Eds.), *Dual process theories in social psychology* (pp. 361–382). New York: Guilford.
- Bargh, J.A. (1994). The four horseman of automaticity: Awareness, intention, efficiency, and control in social cognition. In R.S. Wyer, Jr., & T.K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition* (2<sup>nd</sup> ed., Vol. 1: Basic processes, pp.1-40). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bargh, J.A., Chartrand, T.L. (2000). The mind in the middle: A practical guide to priming and automaticity research. In Reis, H.T., & Judd, C.M. (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality psychology* (pp.253-285). Cambridge University Press.
- Barsalou, L.W. (1993). Structure, flexibility, and linguistic vagary in concepts: Manifestations of compositional system of perceptual symbols. In A.C. Collins, S.E. Gathercole, & M.A. Conway (Eds.), *Theories of memory* (pp.29-101). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bellezza, F.S. (1984a). Reliability of retrieval from semantic memory: Common categories. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 22 (4), 324-326.
- Blair, I.V., Ma, J.E., & Lenton, A.P. (2001). Imagining stereotypes away: the moderation of implicit stereotypes through mental imagery. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 828-841.

- Brazão, P., & Garcia-Marques, T. (2004). Valência e atributos pessoais e estereotipicalidade relativamente aos *Skinheads*. *Laboratório de Psicologia*, 2(1), 21-32.
- Castelli, L, Macrae, C.N., zogmaister, C., & Arcuri, L. (2004). A tale of two primes: Contextual limits on stereotype activation. *Social Cognition*, 22 (2), 233-247.
- Collins, A.M., & Loftus, E.F. (1975). A spreading activation theory of semantic processing. *Psychological Review*, 82, 407-428.
- Correll, J., Park, B., Judd, C.M., & Wittenbrink, B. (2002). The police officer's dilemma: Using ethnicity to disambiguate potentially threatening individuals. *Journal of Personality & Social Psychology*, 83, 1314–1329.
- Devine, P.G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- Devine, P.G., & Elliot, A.J. (1995). Are racial stereotypes really fading? The Princeton trilogy revisited. *Personality and Social Psychological Bulletin*, 21, 1139-1150.
- Dosher, B. A., & Rosedale, G. (1989). Integrated retrieval cues as a mechanism for priming in retrieval from memory. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118, 191-211.
- Dovidio, J.F., & Gaertner, S.L. (2000). Aversive racism and selection decisions: 1989 and 1999. *Psychological Science* 11, 315-319.
- Dovidio, J.F., Brigham, J.C., Johnsonm B.T., & Gaertner, S.L. (1996). Stereotyping, prejudice and discrimination: Another look. In C.N. Macrae, C. Stangor, & M.Hewstone (Eds.), *Stereotypes and stereotyping* (pp.276-319). New York: Guilford Press.
- Dovidio, J.F., Evans, N., & Tyler, R.B. (1986). Racial stereotypes: The contents of their cognitive representations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 22, 22-37.
- Dovidio, J.F., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V.M. (2010). Prejudice, stereotyping, and discrimination: Theoretical and empirical overview. In J.F. Dovidio, M.

- Hewstone, P. Glick, & V.M. Esses (Eds.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination*. London, England: Sage.
- Fiske, S.T., & Taylor, S.E. (1984). *Social Cognition*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Freytag, P., Fiedler, K., Kutzner, F. & Vogel, T. (submetido). A Context Variability Model of Social Perception.
- Garcia-Marques, L. (1993). The importance of being incongruent: How memorable would an uncultured librarian be? Towards a resolution of the apparent discrepancy between expectancy-based illusory correlations and incongruency effects. *Dissertação não publicada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Garcia-Marques, L. (2009, Abril). *Plasticidade versus estabilidade nas estruturas de conhecimento: O caso da inesperada maleabilidade dos estereótipos sociais*. Apresentado no 4º encontro da Associação Portuguesa de Psicologia Experimental, ISPA.
- Garcia-Marques, L., & Hamilton, D.L. (1996). Resolving the apparent discrepancy between the incongruency effect and the expectancy-based illusory correlation effect: The TRAP model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 845-860.
- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype-incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 979-990.
- Garcia-Marques, L., Santos, A.S., & Mackie, D.M. (2006). Stereotypes: Static definitions or dynamic knowledge structures? *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(5), 814-831.
- Gilbert, G.M. (1951). Stereotype persistence and change among college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 245-254.

- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. K. L. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The Implicit Association Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464-1480.
- Hamilton, D.L., & Trolie, T.K. (1986). Stereotypes and stereotyping : An overview of the cognitive approach. In J. Dovidio, & S.L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 127-163). New York : Academic Press.
- Hewstone, M. (1994). Revision and change of stereotypic beliefs: In search of the elusive subtyping model. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European review of social psychology* (Vol. 5, pp. 69–109). Chichester, England: Wiley.
- Higgins, E.T. (1989). Knowledge Accessibility and Activation: Subjectivity and Suffering from Unconscious Sources. In J.S. Uleman & J.A. Bargh (Eds.) *Unintended Thought* (pp.75-115) New York: Guilford Press.
- Higgins, E.T., Rholes, W.S., & Jones, C.R. (1977). Category accessibility and impression formation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 13, 141-154.
- Hintzman, D.L. (1986). "Schema abstraction" in a multiple-trace memory model. *Psychological Review*, 93 (4), 411-428.
- Jacoby, L.L., & Hollingshead, A. (1990) toward a generate/recognize model of performance of direct and indirect tests of memory. *Journal of Memory and Language* 29, 433-440.
- Katz, D., & Braly, K.W. (1933). Racial stereotypes of 100 college students. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 28, 280-290.
- Lippmann, W. (1922). *Public opinion*. New York: The Free Press.
- Macrae, C.N., Bodenhausen, G.V., & Milne, A.B. (1995). The dissection of selection in person perception: Inhibitory processes in social stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 397-407.
- Martin, L.L., Strack, F., & Stapel, D.A. (2001). How the mind moves: Knowledge Accessibility and the Fine-tuning of the cognitive System. In A. Tesser & N.

- Schwarz (Eds.) *Blackwell handbook of social psychology: Vol. 1. Intraindividual Processes* (pp.236-256). Oxford, UK: Blackweel.
- Medin, D.L., & Schaffer, M.M.(1978). A context theory of classification learning. *Psychological Review*, 85, 207-238.
- Park, B., & Judd, C.M. (1990). Measures and models of perceived group variability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 173-191.
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42(6), 1051-1068.
- Park, H., & Reder, L.M. (2004). Moses illusion: Implications for human cognition. In R.F. Pohl (Ed.), *Cognitive Ilusions* (pp.275-291). Hove: Psychology Press.
- Ratcliff, R., & McKoon, G. (1988). A retrieval theory of priming in memory. *Psychological Review*, 95, 385-408.
- Richards, Z., & Hewstone, M. (2001) Subtyping and Subgrouping: Processes for the Prevention and Promotion of Stereotype Change. *Personality and Social Psychology Review* 5, 52–73.
- Rosenberg, S., Nelson, C., & Vivekananthan, P. (1968). "A Multidimensional Approach to the Structure of Personality Impressions." *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 283-294.
- Santos, A. S. C., Garcia-Marques, L., Mackie, D. M., Ferreira, M. B., & Moreira, S. (submetido). Implicit Open-Mindedness: Evidence for and limits on stereotype malleability.
- Santos, A.S.C. (2001). A instabilidade dos estereótipos: Experiências em cognição social com uma metodologia de teste-reteste longitudinal. *Unpublished manuscript*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

- Santos, A.S.C. (2007). A relatividade dos estereótipos: Sensibilidade ao contexto e mecanismos explicativos. *Unpublished manuscript*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Schunn, C.D., Reder, L.M., Nhouyvanisvoug, A., Richards, D.R., & Stroffolino (1997). To calculate or not to calculate: A source activation confusion model of problem familiarity's role in strategy selection. *Journal of experimental Psychology: Learning, memory and cognition*, 23(1), 3-29.
- Tajfel, H. (1982). Os aspectos cognitivos do preconceito. In H. Tajfel (Ed.), *Grupos humanos e categorias sociais I* (pp.143-158). Lisboa: Livros Horizonte.
- Taylor, S. E. (1981). A categorization approach to stereotyping. In D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp. 83–114). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Wilson, T. D., & Brekke, N. C. (1994). Mental contamination and mental correction: unwanted influences on judgments and evaluations. *Psychological Bulletin*, 116, 117-142.
- Wittenbrink, W., Judd, C.M., & Park, B. (2001) Spontaneous prejudice in context: Variability in automatically activated attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 815-827.
- Yeh, W., & Barsalou, L.W. (2006). The situated nature of concepts. *American Journal of Psychology*, 119, 349-384.

## Anexo A

### GRUPO DE ESTUDOS EM LINGUÍSTICA COGNITIVA – UNIVERSIDADE DE LISBOA

O Grupo de Estudos em Linguística Cognitiva da Universidade de Lisboa desenvolveu dois estudo piloto com o objectivo de recolher informações sobre materiais estímulo a utilizar em experiências futuras que pretendem perceber o papel de julgamentos de familiaridade de palavras na definição de conceitos.

1. Estamos interessados em testar a familiaridade que certas palavras têm para as pessoas. A seguir encontra uma medida de familiaridade dos conceitos a que as palavras se referem. Para cada palavra, pedimos-lhe que **julgue a familiaridade “daquilo a que a palavra se refere”** numa escala bipolar de sete pontos, onde (1) corresponde ao “nada familiar e (7) ao “extremamente familiar”.

2. Agora estamos interessados no grau em que as pessoas partilham os significados pda palavras. O acordo entre diferentes pessoas sobre os significados das palavras assegura uma comunicação eficaz. A seguir encontra duas palavras usadas no quotidiano. Pedimos-lhe que defina o melhor que souber cada uma das palavras seguintes. Tomando como exemplo a palavra **independência**, pode definir esta palavra pensado, por exemplo, no que é ser **independente**; ou nas várias maneiras em que uma pessoa pode ser **independente**; ou, ainda, nos vários tipos de **independência**.

- Defina, por favor, a palavra “conservador”.
- Defina agora, por favor, a palavra “simpatia”.

## **Anexo B**

“Este é um estudo desenvolvido pela Secção de Cognição Social da Faculdade de Psicologia. A ideia deste estudo é perceber quais as impressões que as pessoas formam acerca de grupos sociais.”

### **INSTRUÇÕES**

Da sociedade actual fazem parte muitos grupos diferentes sobre os quais temos, em geral, algum conhecimento. De facto, com facilidade e frequentemente formamos impressões relativamente bem definidas acerca dos indivíduos e dos grupos sociais que nos rodeiam, o que simplifica extraordinariamente a nossa vida social. Neste estudo estamos interessados em investigar como é que as pessoas forma impressões acerca de grupos, pois apesar da facilidade e frequência com que desempenhamos essa tarefa no dia-a-dia, ainda não compreendemos totalmente o processo envolvido.

As impressões que temos acerca dum são muitas vezes impressões genéricas, que não se aplicam a cada um dos membros mas aplicam-se a uma percentagem dos membros desse grupo. Por exemplo, quando dizemos que os Italianos são emocionais, não estamos a dizer que são todos emocionais, mas estamos a dizer que há uma quantidade relevante de Italianos que são emocionais. Estas impressões genéricas são, evidentemente, simplificações, não são julgamentos baseados em dados objectivos. E note-se que, mesmo quando se consideram existir diferenças entre os grupos, isso não significa estabelecer uma hierarquia entre os grupos, em que um é superior ao outro. Ou seja, não implica a discriminação de um grupo em relação a outro.

Nesta investigação, ser-lhe-ão feitas varias perguntas sobre essas impressões em relação a um grupo social. Não estamos necessariamente interessados na sua opinião pessoal, mas naquilo que é considerado, pelas pessoas em geral, por isso, é absolutamente essencial que assuma o ponto de vista das pessoas em geral enquanto responde às questões seguintes. Não existem respostas certas ou erradas. Estamos interessados nas suas intuições, nas ideias que surjam à primeira vista e não tanto no que é politicamente correcto julgar-se ou afirmar-se. Muito obrigada pela colaboração.



### Lista de traços de personalidade

- |                  |                   |                   |
|------------------|-------------------|-------------------|
| - Forte          | - Honesto         | - Rico            |
| - Supersticioso  | - Antipático      | - Culto           |
| - Conflituoso    | - Atraente        | - Trabalhador     |
| - Triste         | - Pacífico        | - Frio            |
| - Desonesto      | - Ingénuo         | - Feio            |
| - Ganancioso     | - Não respeitador | - Emotivo         |
| - Exibicionista  | - Empreendedor    | - Vulgar          |
| - Infiel         | - Sensível        | - Vaidoso         |
| - Discreto       | - Frágil          | - Despretensioso  |
| - Sem iniciativa | - Fiel            | - Não inteligente |
| - Alegre         | - Inculto         | - Insensível      |
| - Pobre          | - Simpático       | - Delicado        |
| - Desconfiado    | - Generoso        | - Reservado       |
| - Sofisticado    | - Sociável        | - Respeitador     |
| - Rude           | - Preguiçoso      | - Inteligente     |

### Geração de traços

Estamos interessados nas características que as **peessoas em geral** utilizam para descrever vários grupos. Vamos pensar no grupo de indivíduos que têm em comum serem skinheads. Pedimos-lhe que, a partir da lista de traços de personalidade que lhe apresentamos, escolha aqueles que ache que as **peessoas em geral** usariam para caracterizar os skinheads como um todo. Escolha aproximadamente cinco características da lista para descrever de forma adequada as impressões que as pessoas em geral têm dos skinheads, e escreva-as na linha abaixo. Não existem respostas certas ou erradas. Estamos interessados na sua opinião sobre o que as pessoas pensam geralmente acerca dos skinheads.

### Avaliação do grupo em escalas

Vamos agora pedir-lhe que traduza as impressões genéricas que as pessoas em geral têm acerca dos skinheads. Para o efeito, pedimos-lhe que preencha as escalas que se encontram abaixo, de acordo com as impressões que as pessoas em geral têm dos skinheads como um todo.

Por favor, faça um círculo à roda do número que melhor corresponde à impressão das **peessoas em geral** sobre este grupo. Assim, se, por exemplo, tem a opinião que as pessoas em geral acham os skinheads no seu conjunto mais inteligente que não inteligente, deve usar um número entre 6 e 9, e se a sua opinião for o contrário deve usar um número de 1 a 4. O ponto 5 é o ponto que indica a indiferença.

### Escala

Vamos agora pedir-lhe que preencha a escala que se encontra abaixo, de acordo com as impressões que as pessoas em geral têm dos skinheads como um todo. Por favor, faça um círculo à roda do número que melhor corresponde à impressão das **pessoas em geral** sobre este grupo, assim, se, por exemplo, tem a opinião que as pessoas em geral acham os skinheads no seu conjunto muito diferentes entre si, deve usar um número entre 6 e 9, e se a sua opinião for o contrário deve usar um número de 1 a 4. O ponto é o ponto que indica a indiferença.

### Percentagem

Vamos agora pedir-lhe que estime a proporção de membros do grupo dos skinheads com certos atributos, novamente de acordo com as impressões que as pessoas em geral têm dos skinheads como um todo.

- Por favor, escreva um número com a percentagem de skinheads com a característica “antipático”.
- Por favor, escreva agora um número com a percentagem de skinheads com a característica “simpático”. Note que não é necessário que a percentagem que indicou anteriormente para “antipático” e a que indicar agora para “simpático” adicionadas dêem 100%, até porque pode considerar que alguns membros são “nem simpáticos nem antipáticos”.
- Estime agora, por favor, a percentagem de skinheads com a característica “não inteligente”.
- Por favor, escreva agora um número com a percentagem de skinheads com a característica “inteligente”. Note que não é necessário que a percentagem que indicou anteriormente para “não inteligente” e a que indicar agora para “inteligente” adicionadas dêem 100%, até porque pode considerar que alguns membros são “nem inteligentes nem não inteligentes”.

### Identificação de uma distribuição

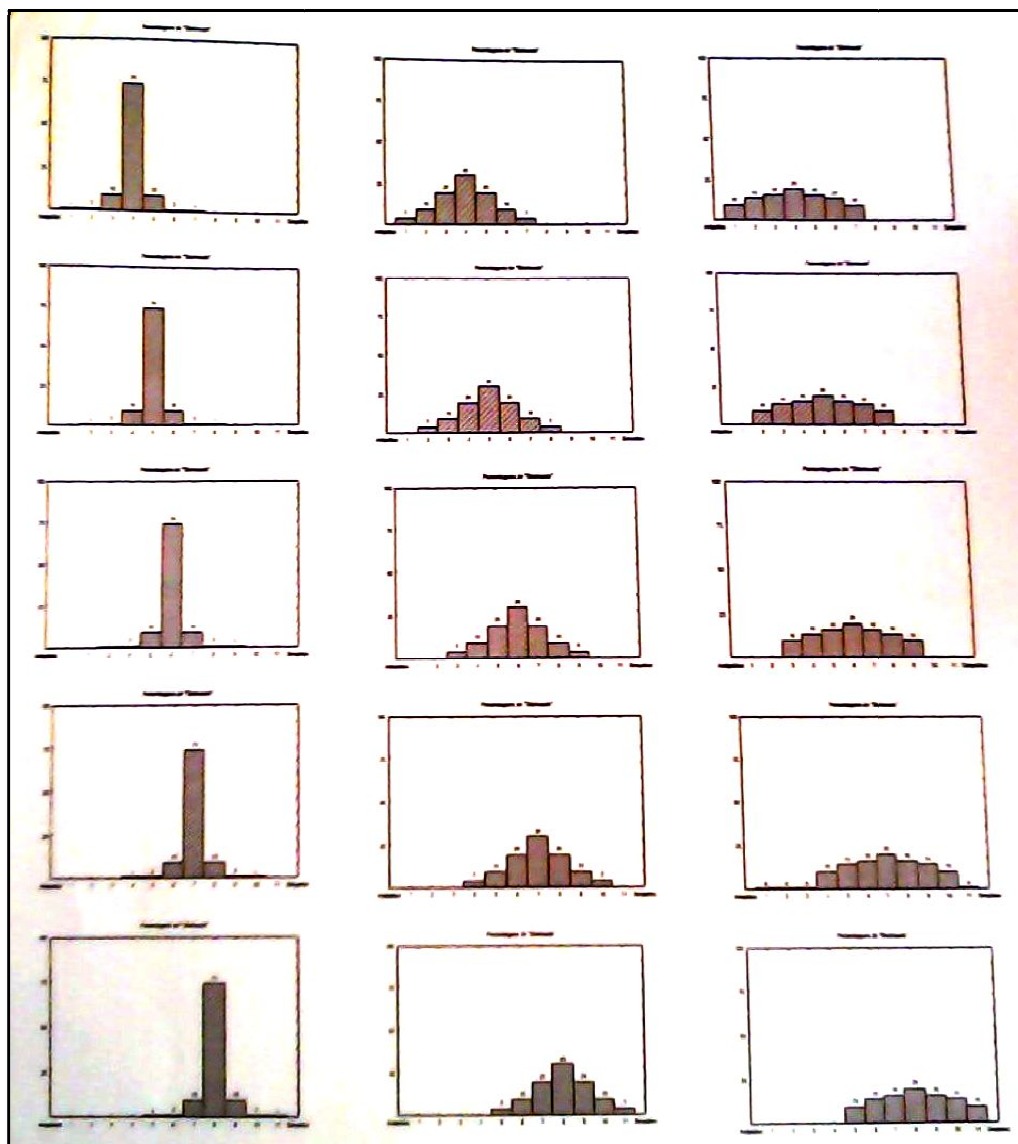
Imaginemos um contínuo definido ao longo de uma dimensão Antipático-Simpático. Se posicionarmos o conjunto dos skinheads ao longo dessa dimensão de acordo com o grau de Simpatia de cada um desses skinheads formaremos uma distribuição que se espalha ao longo dessa escala. Agora vamos pedir-lhe que observe com atenção as várias distribuições que estão na página seguinte e que escolha aquela que lhe pareça mais provavelmente corresponder à opinião que as pessoas em geral têm sobre a população de skinheads. Não existem respostas certas ou erradas, apenas estamos interessados na sua estimativa sobre a opinião das pessoas em geral. **Por favor examine toas as distribuições antes de se decidir.**

Repare que a forma como a população de skinheads se posiciona e se distribui ao longo do continuo é muito diferente de distribuição para distribuição. Mais concretamente as várias distribuições variam na área da dimensão Antipático-Simpático em que se posicionam, no geral, os skinheads. Variam igualmente no grau de concentração ou de dispersão que exibem.

Depois de examinar cada uma das distribuições, por favor faça um círculo à roda daquela que melhor corresponder às **impressões que as pessoas em geral** têm sobre a população de skinheads.

Ser-lhe-á apresentada na página seguinte, para a população de skinheads, uma matriz de distribuições que variam na área da dimensão Antipático-Simpático. Siga exactamente o mesmo procedimento, explicado anteriormente, para responder a esta matriz de distribuições que se encontra na página seguinte.

Ilustração 1. Distribuições para o grupo social “Skinhead” relativamente à dimensão de “Antipático – Simpático”.



### **Avaliação de um membro**

Vamos agora pedir-lhe que preencha a escala que se encontra abaixo e que avalie quão típico do grupo dos “Skinheads” é o membro do grupo descrito, de acordo com as impressões que as **peessoas em geral** têm dos skinheads como um todo. Assim, se por exemplo, tem a opinião que as pessoas em geral acham o João Fonseca muito típico dos skinheads, deve usar um número entre 5 e 7, e se a sua opinião for o contrário, deve usar um número de 1 a 3. O ponto 4 é o ponto que indica a indiferença.

“João Fonseca, um skinhead, é uma pessoa com quem se pode contar. Apoia os amigos e mesmo os desconhecidos sempre que é preciso. É bem disposto, flexível e meigo. Gosta de conversar e conviver com os amigos. Não há quem não goste do João. Nos tempos livres, ajuda uma instituição de apoio a sem-anbrigo.

### **Questões de *debriefing***

Agora que terminou a sua participação nestes estudos, gostaríamos que respondesse às questões que se seguem:

- 1) Pensou que as tarefas realizadas no início estavam relacionadas de alguma maneira com as tarefas que completou sobre grupos sociais?
- 2) Alguma coisa que fez nessas tarefas afectou o seu desempenho nas tarefas sobre grupos sociais?
- 3) No caso de ter respondido SIM, gostaríamos que nos dissesse o que acha que poderá ter acontecido.
- 4) E em relação aos outros participantes, acha que as tarefas realizadas no início afectaram o seu desempenho nas tarefas sobre grupos sociais?
- 5) No caso de ter respondido SIM, gostaríamos que nos dissesse o que acha que poderá ter acontecido.

Por favor, permaneça em silêncio até que o experimentador lhe dê instruções.